



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

CHARLES JEAN DA SILVA PEREIRA

**ENTRE O MODERNO E A TRADIÇÃO: contribuição da arte para a formação da
identidade do jovem caatingueiro – uma análise do currículo do CODEFAS em
Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA**

**JUAZEIRO - BA
2021**

CHARLES JEAN DA SILVA PEREIRA

**ENTRE O MODERNO E A TRADIÇÃO: contribuição da arte para a formação da
identidade do jovem caatingueiro – uma análise do currículo do CODEFAS em
Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale
do São Francisco – UNIVASF, Campus Juazeiro, como
requisito para obtenção do título de mestre em
extensão rural.

Orientador: Prof. Dr. João Alves do Nascimento Júnior
Coorientador: Prof. Dr. Fúlvio Torres Flores

**JUAZEIRO - BA
2021**

	Pereira, Charles Jean da Silva.
P489e	“Entre o moderno e a tradição: contribuição da arte para a formação da identidade do jovem caatigueiro – uma análise do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão – Charles Jean da Silva Pereira - Juazeiro, 2021
	XIV, 83f: il.; 29 cm
	Dissertação (mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Espaço Plural, Juazeiro, 2021.
	Orientador: Prof. Dr. João Alves do Nascimento Junior. Coorientador: Prof. Dr. Fúlvio Torres Flores
	1. Educação. 2. Currículo. 3. Artes. 4. Carnaíba do Sertão (BA). 5. Convivência com o Semiárido I. Título. II. Nascimento Junior., João Alves do. III. Flores, Fúlvio Torres. IV. Universidade Federal do Vale do São Francisco
	CDD 370

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF
Bibliotecário: Renato Marques Alves, CRB 5-1458.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PRÓ REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO - PRPPGI
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL - PPGE_xR

FOLHA DE APROVAÇÃO

CHARLES JEAN DA SILVA PEREIRA

**ENTRE O MODERNO E A TRADIÇÃO: contribuição da arte para a formação da
identidade do jovem caatingueiro – uma análise do currículo do CODEFAS em
Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Juazeiro, como requisito para obtenção do título de mestre em extensão rural.

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Alves do Nascimento Júnior – UNIVASF

Prof^a Dr^a Monica Aparecida Tomé Pereira - UNIVASF

Prof^a Dr^a Virgínia de Oliveira Alves Passos - UNIVASF

À minha família pelo apoio e compreensão durante toda a minha vida, respeitando minhas escolhas e ajudando incondicionalmente, em especial à minha mãe por entender a necessidade de estar ausente de casa aos finais de semana, único tempo que tenho para ela, mas que é em prol da realização de um sonho que não é só meu mas dela também.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força para perseverar mesmo quando parecia não ter mais forças para seguir;

À CAPES e UNIVASF pela oportunidade de termos um curso de mestrado no interior do estado, abandonando a lógica de sair do nosso território para cursar;

Ao Prof. Dr. João Alves, pela excelente orientação e atenção durante toda a pesquisa;

Aos colegas da turma por compartilharem de forma tão generosa seus conhecimentos a cerca da extensão rural;

Aos meus entrevistados que se disponibilizaram a prestar seus depoimentos que serviram de base para a discussão aqui proposta.

As minhas amigas e vice-diretoras Janete Beanes Maltez do Espírito Santo e Rosidalva Varjão Roberto que muito me ajudaram “ segurando a onda” na escola durante todo o processo sempre que foi preciso.

A amiga Vanessa Carine Chaves (PPGESA) que me ajudou com a pesquisa desde o início até a finalização. Obrigado por cada palavra de incentivo, por cada material bibliográfico, pelas correções e principalmente por não me deixar desistir.

Ao amigo Willian Soares que ajudou na confecção do produto final.

"É ótimo celebrar o sucesso, mas mais importante ainda é assimilar as lições trazidas pelos erros que cometemos". - Bill Gates

RESUMO

Este trabalho se propôs a analisar as contribuições do conteúdo de Artes, constante no currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-Ba para a formação da identidade do jovem caatingueiro, envolvendo as várias áreas do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar, utilizando-se das referências da educação e das ciências sociais. Para que se fosse possível dar conta dos objetivos elencados, a pesquisa teve um caráter qualitativo, utilizando uma metodologia exploratório-descritiva, onde foi desenvolvido um levantamento teórico, e a pesquisa documental, que consistiu na análise minuciosa, do currículo da escola, com o propósito de observar sua adequação à realidade rural. Foram realizadas ainda entrevistas com professores e estudantes, com o intuito de se perceber qual a percepção dos agentes envolvidos no processo de construção do conhecimento naquela unidade. A triangulação foi o método adotado na análise do conteúdo das entrevistas. Os jovens entrevistados demonstraram sentirem-se pertencentes, mas numa visão muito literária de que o nordestino é antes de tudo um forte ou que são fortes como a própria vegetação e etc. Uma visão de vida sofrida ainda herdada do tempo dos currais e de quando a indústria da seca vendia a ideia da impossibilidade de um Semiárido vivo. Em parte, isso tem relação com escola, uma vez que essa não trabalha as possibilidades de convivência e a perspectiva de desenvolvimento do território pelos seus e utilizando-se as suas potencialidades. Os professores trazem muito forte a questão do aluno não querer ficar lá. Espera-se que essa pesquisa, possa contribuir como ferramenta de avaliação do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão e das repercussões de suas práticas artísticas para a emancipação dos estudantes, fortalecendo sua identidade de jovem caatingueiro comprometido com o campo e suas demandas específicas, preparados e dispostos a colaborar na mudança do seu lugar, do seu chão, do seu território.

Palavras-chave: Educação. Território. Convivência com o semiárido.

ABSTRACT

This work proposes to analyze the contributions of the CODEFAS of Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA curriculum to the formation of young people from caatinga identity, relating various knowledge fields in an interdisciplinary perspective, making use of education and social science references. So it could be possible to get the defined objectives, the research has a qualitative character, using a descriptive-exploratory methodology, through what, until present date, developed the theoretical surgery, documentary research, as well as were conducted interviews with teachers and students, with the objective of realizing the perception of the related to the process of building the unit knowledge. The young people interviewed showed the feeling of belonging, but in a too literal view of that the people from Brazil's region of Northeast is, before anything, strong or that they are strong as the vegetation and so on. A life view of suffering inherited from old times when the drought industry sold the idea of the impossibility of a live semiarid. In parts, this is related to the school, once it doesn't work the coexistence possibilities and the perspective of the development of the territory by its people and making use of its potentiality. The teachers bring really strongly the question about the students wanting to leave the region. Is expected that this research, that is still to be concluded, could contribute as a tool to evaluate the CODEFAS curriculum in Carnaíba do Sertão and the repercussions of its artistic practices to the emancipation of the students, strengthening their identity of young people from caatinga committed with the countryside and the demands of its specific, prepared and willing to collaborate in the change of their surroundings, of their ground, their territory.

Keywords: Education. Territory. Coexistence. Social Sciences.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Eixos e competências de artes para o Ensino Médio da Bahia

46

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Base para análise por triangulação

42

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 -	Chave para a decodificação da análise do conteúdo	43
Tabela 2 -	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	19
2.1	OBJETIVO GERAL	
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
3.	REVISÃO DA LITERATURA	20
3.1	O CAMPO, A EDUCAÇÃO E A ARTE: DIFERENTES PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CAATINGUEIRA	20
3.2	O CAMPO COMO ESPAÇO DE LUTAS, VIDA, FALAS E NOVAS IDENTIDADES.	21
3.2.1	Luta pela terra no Brasil: entre as conquistas e as novas identidades no campo.	21
3.2.2	Itinerários das lutas pela terra no Brasil	22
3.2.3	Avanços e conquistas: Diferentes frentes garantindo direitos ao povo do campo	25
3.2.4	A ruralidade e sua reinvenção: limites e identidades do novo rural	27
3.3	A EDUCAÇÃO E A ARTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	30
3.3.1	Do global ao local: o papel da educação e da articulação de saberes na construção do conhecimento.	30
3.3.2	Identidade, pertencimento e o ensino da arte	35
4	METODOLOGIA	40
5	DISCUSSÃO E RESULTADOS ESPERADOS	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – ESTUDANTES	64
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - PROFESSORES, GESTORES E COORDENADORES	65
	ANEXO A – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	66
	ANEXO B – Eixos, competências e habilidades do componente curricular Artes nas OCEM's	78
	ANEXO C – Fotos	81

1 INTRODUÇÃO

O Colégio Democrático Estadual Profª Florentina Alves dos Santos – CODEFAS, situado no bairro Piranga na área urbana da cidade de Juazeiro-BA, possui uma característica distinta por ofertar ensino médio integral na sede do município e contar com um anexo no distrito fora da área urbana da cidade. Desde o ano de 2005 o colégio implantou um anexo no distrito de Carnaíba do Sertão, área rural do município, com uso de 4 Salas de aulas do Colégio Municipal Profª Graciosa Xavier Ramos Gomes. A cada ano letivo o anexo recebe aproximadamente 230 educandos, nos turnos vespertino e noturno, e conta com 10 professores.

Carnaíba, por sua vez, também se diferencia dos demais distritos de Juazeiro. Em parte isso se dá devido ao mesmo ser o ponto mais aproximado do perímetro urbano, contando inclusive com um povoado com uma população de cerca de 3.814 habitantes (IBGE, 2010) o que lhe confere uma estrutura de uma cidade de pequeno porte.

Oriundos tanto do povoado como das fazendas, os educandos são adolescentes com faixa etária de 14 a 20 anos que buscam uma formação humana integral para atender ao ingresso na universidade, ao mundo do trabalho, como também conhecimentos e habilidades para as necessidades da vida no campo.

A realidade socioeconômica do Distrito de Carnaíba do Sertão, impõe ao anexo do CODEFAS algumas particularidades que o diferenciam da sede. Os currículos e as metodologias utilizadas precisam atender às necessidades dos educandos, em sua maioria inseridos no contexto agrário. Contexto esse, composto pela atividade agrícola moderna, em que os educandos e familiares constituem mão-de-obra específica para o campesinato e agricultura familiar.

Quando se pensa meu papel em todo esse contexto e a escolha desse tema e desse locus de pesquisa, faz-se necessário compreender o perfil de quem fez a pesquisa e como isso deságua nesse projeto.

Filho caçula de um casal que criaram juntos seis filhos, fui o único a nascer na cidade de Juazeiro. Os demais nasceram ainda quando a família morava em um povoado do salitre na parte pertencente a cidade de Campo Formoso chamado Curral Velho. Na infância passava boa parte das férias lá na casa dos meus avós. De lá trago as recordações do cheiro da

terra, do cantar dos pássaros ao amanhecer, das idas buscar umbu no meio da caatinga. Um sentimento de fazer parte daquilo tudo... o tempo foi passando e a cada ano que crescia mais me distanciava daquele menino caatingueiro até me esquecer completamente daquelas sensações que seriam reavivadas no Mestrado em Extensão Rural na Univasf.

As dificuldades financeiras sempre foram muitas, afinal seis filhos para sustentar não é tarefa fácil e nem barata. Todos estudamos em escola pública em Juazeiro. Para meus pais os estudos dos filhos eram prioridade absoluta pois acreditavam que somente a educação poderia mudar aquela situação de pobreza. E assim os filhos um após o outro foram terminando o Ensino Médio e buscando trabalho, casando e seguindo as suas vidas. Desta forma, por ser o mais novo, fui tendo oportunidades que os demais não tiveram pois os próprios irmãos mais velhos já podiam ajudar na minha formação.

No Ensino Médio no Colégio Municipal Paulo VI descobri a paixão pelas Letras e pelas Artes estimulado por uma escola onde aconteciam muitas atividades literárias e artísticas. Eu participava de tudo ativamente.

Nessa época perdi meu pai para um câncer. Minha irmã então resolveu me levar para morar no Piauí onde ela foi residir após se casar. Fiquei por seis meses lá mas logo voltei pois ela queria e estava financiando os estudos para que eu fizesse Direito mas eu não queria. Eu queria ser Professor! Queria trabalhar estimulando os estudantes a ampliar os horizontes e estimulá-los através da arte a serem pessoas mais críticas e felizes.

Voltei para Juazeiro! Não conseguindo vaga no meio do ano no Colégio Paulo VI ouvi falar de um outro colégio que também fazia muitas atividades literárias e foi assim que cheguei ao Colégio Democrático Estadual Professora Florentina Alves dos Santos – CODEFAS onde finalizei meu ensino médio.

Fui o primeiro dos filhos a entrar na faculdade. Letras na UPE! Uma alegria e um orgulho enorme para a família. Na UPE fiz parte do Centro e do Diretório Acadêmico como Diretor Cultural o que me levou a ser convidado para desenvolver um projeto Cultural na Escola de Aplicação da UPE – O Festival de Arte e Cultura da Escola de Aplicação – um evento grandioso que realizávamos no River Shopping em Petrolina. Foram sete anos fazendo arte e cultura com os alunos daquela escola.

Terminando o curso de Letras fui aprovado em um concurso público para professor da rede estadual da Bahia. Meu desejo era ser localizado no CODEFAS mas por razões burocráticas mesmo sendo o segundo colocado no concurso não foi localizado lá.

Dividia meu tempo entre a Escola de Aplicação e a escola onde me localizaram na Bahia. Era meu último ano na Escola de Aplicação pois para não gerar vínculo empregatício meu contrato não poderia ser prorrogado. Estava realizando meu último Festival de Arte e Cultura daquela escola que tanto me ensinou. Foi então que a diretora do CODEFAS que era a mesma da época em que estudei lá, esteve visitando o Festival e ficou encantada e disse que queria muito levar a ideia para o CODEFAS. Me apresentei como ex-aluno e professor recém concursado da Bahia e manifestei meu desejo em ir para o CODEFAS e assim consegui minha remoção para lá onde estou até hoje. Já são 20 anos nessa caminhada incentivando a arte e a cultura naquela Unidade de Ensino. Em 2017 assumi a Gestão do CODEFAS e desde então estou responsável por outras dimensões do trabalho da escola mas não deixo de acompanhar e incentivar as atividades científicas, culturais, artísticas e esportivas.

Entre os afazeres das outras dimensões vindas com a gestão escolar, veio a responsabilidade com o anexo que o CODEFAS possui em Carnaíba do Sertão. Enquanto professor sempre soube da existência do anexo mas nunca me preocupei em me aproximar da realidade de lá pois já estava bastante ocupado com as minhas turmas e projetos na escola sede. Embora sempre me questionasse como seria vivenciado o currículo no anexo já que é uma realidade diferenciada atendendo a alunos da zona rural. Será que existe alguma adaptação ou é exatamente igual ao da sede? E os projetos artísticos e culturais será que dialogavam com a realidade da comunidade de lá?

Quando penso em arte no currículo sempre a imagino como uma linha costurando os outros componentes uns nos outros até formar um todo significativo. Era assim que eu elaborava as tarefas dos Festivais. Dividia um tema em várias partes que seriam as peças capazes de remontar/resignificar esse tema através das várias linguagens artísticas utilizando o conhecimento construído com os componentes da base comum do currículo. Será que no anexo em Carnaíba a arte é pensada dessa forma? Será que ela consegue aproximar o currículo da realidade do aluno do campo? Será que ela consegue fortalecer a identidade desses meninos e meninas? E assim foram nascendo as indagações que acabaram por gerar este trabalho.

Da observação da prática pedagógica da unidade e entendendo o contexto em que a mesma está inserida, surgiu como questão problematizadora o entendimento se o currículo de uma escola originalmente urbana tem contribuído para formação da identidade do jovem catingueiro. Essa questão se manifesta através da investigação de como o currículo de artes de

uma escola urbana, adaptado a uma escola do campo consegue se conectar com seus diferentes contextos e identidades, ajudando a produzir uma educação significativa e participe do princípio da interdisciplinaridade.

Este trabalho se propôs a analisar as contribuições da arte no currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-Ba para a formação da identidade do jovem caatingueiro, envolvendo as várias áreas do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar utilizando-se das referências da educação e das ciências sociais, em consonância com a sociologia das práticas sociais e seus conceitos teóricos e metodológicos de *habitus*, campo e capital (BOURDIEU, 2013).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar as potencialidades e fragilidades dos conteúdos e das práticas pedagógicas no campo das Artes desenvolvidas pelo CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA e sua contribuição para a formação da identidade do jovem caatingueiro.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Compreender a percepção acerca da relação entre o ensino da arte, a interdisciplinaridade e a construção de uma lógica de pertencimento entre os estudantes de Carnaíba do Sertão e seu lugar de fala;
- II. Analisar de que modo a proposta pedagógica do anexo de carnaíba conversa com a proposta estadual para educação para o campo, bem com as identidades dos seus estudantes, sobretudo no que se refere ao ensino de artes;
- III. Elucidar qual é o perfil identitário do estudante de Carnaíba do Sertão e como se dá sua relação com o Semiárido baiano.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. O CAMPO, A EDUCAÇÃO E A ARTE: DIFERENTES PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CAATINGUEIRA.

A tentativa de estabelecer parâmetros para a avaliação daquilo que aqui denominamos como “identidade caatingueira” nos remete a necessidade de se aprofundar no conhecimento sobre os caminhos percorridos por esse que é o tripé central dessa pesquisa: o campo, a educação e a arte, , uma vez que é a partir destes que nosso entendimento se constitui.

Para tanto faz-se necessário que não se pretenda estabelecer um padrão de identidade, uma vez que esta, além da múltipla dimensão dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos, tem também a grande influência do aspecto plural das vivências individuais.

Nesse sentido, entendemos como identidade caatingueira a percepção sobre a relação de pertencimento com o contexto vivido nos diferentes espaços rurais do semiárido brasileiro, uma vez que o entendimento de conhecimento e reconhecimento estão profundamente entrelaçados. Esse sentido está presente em Bourdieu (2010, p. 107 e 108), quando diz que:

poder-se-ia objectar que a certeza em nome da qual eles privilegiam o conhecimento da «realidade» em relação ao conhecimento dos instrumentos de conhecimento nunca é, indubitavelmente, tão pouco fundamentada como no caso de uma «realidade» que, sendo em primeiro lugar, *representação*, depende tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento.

Aqui se distingue o semiárido no campo do urbano em decorrência da presença do bioma caatinga, majoritariamente presente no semiárido rural, como fonte de identificação com as várias configurações físicas e sociológicas dessas comunidades.

Nesse capítulo propomos apresentar algumas anotações sobre como essa construção se dá a partir da percepção do campo, seus processos de construção por meio da resistência e sua ressignificação com as novas ruralidades, da educação como instrumento poderoso de construção de conhecimento e a arte como representação de uma cultura que ao

mesmo tempo em que é construída com os elementos do contexto local se relaciona com o contexto global e suas referências.

3.2 O CAMPO COMO ESPAÇO DE LUTAS, VIDA, FALAS E NOVAS IDENTIDADES.

3.2.1 Luta pela terra no Brasil: entre as conquistas e as novas identidades no campo.

O debate acerca da constituição da identidade dos sujeitos cuja vida se realiza no campo é o ponto de partida para compreender as conquistas alcançadas ao longo dos diversos períodos históricos por meio da luta de diversas institucionalidades e as novas configurações do rural, que descamba também em novas identidades para esses sujeitos e qual o papel da educação para auxiliar no processo de garantia da permanência dessas conquistas.

Para isso, faz-se necessário estabelecer uma releitura da luta pela terra ao longo desse percurso, o papel agrário nas lutas emancipacionistas, a destacada atuação das ligas camponesas, sobretudo no Nordeste, a retomada do movimento no pós regime militar com a consolidação da CONTAG e o surgimento do MST, a atuação de novas institucionalidades que discutem a relação homem/campo, o apanhado de conquistas fruto dessa luta, como se dá a nova configuração do rural e como se configuram essas novas identidades camponesas. Carneiro (1998, p. 53) traz à tona o fato de que:

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente.

Nossa pesquisa busca entender todas essas nuances, entendendo também qual o papel que uma educação emancipadora apresenta, sobretudo, na constituição de um sentido de pertencimento desses sujeitos, dialogando com as institucionalidades emergidas do seio da luta popular e como assegurar que as novas gerações, nessa nova configuração de rural que se confunde fortemente com o urbano, conseguirão ampliar as conquistas, sem abandonar sua história e seu lugar de fala.

3.2.2 Itinerários das lutas pela terra no Brasil

Na construção do entendimento acerca das questões que permeiam a construção das identidades no campo, sua relação de pertencimento ou de negação, é necessário se pensar a trajetória da luta pela terra no Brasil.

É importante salientar que “a questão agrária desde muito cedo esteve no centro das lutas de emancipação no Brasil fossem ela abolicionista, republicana ou separatistas e atravessou os séculos até os dias atuais” como citado por Garcia (2012, p.458) ao discutir a legitimidade da luta pela terra, evidenciando ainda essa presença em movimentos tão dispares quanto a Revolução Farroupilha, notadamente elitizado, ou ainda a Sabinada, a Balaiada e a Cabanagem ou a Revolta dos Canudos, movimentos de caráter mais popular.

Mesmo com um histórico de início de organização sindical que data da segunda guerra mundial, é importante trazer a tona o papel destacado das Ligas Camponesas, que, conforme Julião (2009, apud SANTOS, 2016, p. 06) foi um movimento iniciado em Pernambuco a partir da organização do movimento camponês no Engenho da Galileia, cujas pautas se baseavam em questões mínimas geradas por demanda das péssimas condições de vida como a fundação de uma escola primária, a compra de caixões para as vítimas da alta taxa de mortalidade infantil, sementes, instrumentos, assistência técnica, entre outros.

É do esforço em resistir à ofensiva dos donos do engenho mantendo-se em luta, que a Liga Camponesa da Galileia acabou servindo como fonte de inspiração para a criação de inúmeras outras, sobretudo no Nordeste. A esse respeito, Santos (2016, p.11) deixa claro que o ponto norteador das ligas era “o objetivo de reunir as massas camponesas despossuídas, desprivilegiadas em torno de uma bandeira, da conscientização e união da ‘classe’ em torno de um objetivo comum, a destruição do latifúndio”.

É esse princípio de união entre o campesinato que faz das ligas um importante centro de mobilização popular. Muito embora receba esse nome da mídia da época no intuito de que fosse pejorativamente vinculadas as Ligas camponesas do PCB em 1945, o apelo da mobilização do campesinato se apresenta de forma muito enfática, e acaba sendo também assimilada por sua organização, conforme os relatos de sua principal liderança que tinha como apelo mobilizador o discurso dessa união, inclusive argumentando que:

Por isso é que a Liga existe. E é para isso que tu deves entrar na Liga. Lutar pela Liga. Porque a Liga é a cachoeira. É o feixe de varas. É a união. E a união, digo e repito, é a mãe da liberdade. Quem for foreiro, parceiro, posseiro ou pequeno dono de terra deve entrar na Liga. E marchar com ela. Porque ela é o guia que te ensina o caminho da liberdade (JULIÃO, 2012, p.200).

Essa capacidade de mobilização dos trabalhadores do campo acaba por chamar a atenção do movimento militar que culmina com o golpe de 1964, uma vez que já havia se noticiado ao redor do mundo o caráter marxista das ligas. Ao tentar fazer a leitura desse cenário, é importante refletir sobre aquilo que Bertero (2007, p. 102) discute quando diz que “ao transformar a terra em mercadoria, em propriedade moderna, o capital impôs a luta pela terra como luta contra a propriedade capitalista deste meio de produção. É a terra de trabalho contra a terra de negócio”.

Uma característica importante de receber destaque é que as ocupações de terras com acampamentos já existiam como forma de pressão para a realização da reforma agrária ainda antes do golpe (GARCIA, 2012, p.459).

Esse processo traz no seu bojo a marca da resistência à ditadura por meio do movimento do campesinato, por uma intensa campanha de perseguição aos dirigentes da Confederação Nacional dos trabalhadores na Agricultura – CONTAG, entidade que teve seu papel consolidado durante o início da década de 60, fruto da onda de fundação de novos sindicatos e associações rurais, seguindo o momento de efervescência do movimento camponês, mas também é marcado por uma redefinição do papel das organizações dos trabalhadores, o que Borges evidencia quando diz que:

Nessa época, a reforma agrária tornou-se a bandeira unificada das lutas no campo e o elo com as lutas urbanas. Entretanto, todos os movimentos sociais, especialmente os do campo, foram duramente reprimidos e desarticulados. Sindicatos foram integrados ao projeto dos militares, passaram a ser instrumentos assistencialistas, para atender ao modelo de desenvolvimento do país e aos interesses do capital estrangeiro, com entrada do capital multinacional, ou transnacional. (BORGES, 2012, p.93).

Com o intenso processo de repressão patrocinado pelos governos militares, a livre organização dos trabalhadores do campo só retoma sua forma no final da década de 70, com os exemplos do Rio Grande do Sul, como o caso de Nonoai nos anos 1978 e 1979 e o acampamento de encruzilhada Natalino por volta de 1981. Nesse período retoma a articulação

das ocupações de terras improdutivas com a finalidade de se implantar de fato uma reforma agrária que garanta a terra aos trabalhadores, bem como os acampamentos.

A década de 80 tem como marca a retomada do movimento camponês e tem como ponto chave na luta pela terra o surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sob forte influência da pastoral da terra. Com uma política de ocupação das terras improdutivas com o intuito de ampliar a reivindicação por uma reforma agrária ampla, a luta dos Sem Terra, que inúmeras vezes é distorcida, acaba ocupando um importante espaço de impulsor de políticas públicas, como afirma Fernandes (2015, p. 17), quando aprofunda o entendimento de como se dá essa relação quando diz que:

Analisamos a questão agrária como problema e como um conjunto de referências e condições para a construção de um modelo de desenvolvimento territorial rural, a partir de diferentes realidades dos movimentos camponeses. Destas referências, selecionamos a reforma agrária e as ocupações de terras como exemplos de políticas públicas. No Brasil, a reforma agrária é impulsionada pelas ocupações de terra, e por essa razão não é possível separá-las. Todavia, para uma análise das características que as definem como políticas públicas é necessário abstrair os componentes de ambas. Com estes exemplos, discutiremos como ação política também constitui um tipo de política pública, que não é definida pelo Estado, e sim construída nos espaços de socialização política pelos movimentos camponeses. Enfatizamos, assim, como a luta pela terra e a reforma agrária são importantes pontos de partida para as disputas por modelos de desenvolvimento. (FERNANDES, 2015, p. 17).

Aqui também cabe citar o papel dos novos atores sociais na luta pela melhoria das condições de vida no campo, sobretudo na defesa de uma nova diretriz de educação do campo, com destaque para o movimento de convivência com o Semiárido encampado pela ASA e pela RESAB, que desempenham uma função de empoderamento dos sujeitos, uma vez que surge, a partir dessa rede articulada:

Um novo quadro de poder que enfraquece as “velhas institucionalidades” cristalizadas nas bases regionais/locais, pois permitem emergir novos atores sociais, com maior ou menor grau de participação, como exemplo a participação cada vez mais crescente da sociedade civil nas esferas de elaboração de políticas públicas de cunho socioambiental. (CARVALHO, 2012, p. 66).

Todo esse apanhado funciona como força motriz na busca e na consolidação das conquistas, bem como para a constituição de um novo olhar para o campo e para os sujeitos que lá constroem a vida.

3.2.3 Avanços e conquistas: Diferentes frentes garantindo direitos ao povo do campo

A organização dos trabalhadores do campo por meio das ligas camponesas e a consolidação da CONTAG inauguram um apanhado de conquistas para esses sujeitos e que são extremamente significativas. No tocante a materialização legal dessas conquistas é importante frisar que:

Na realidade, diversas lutas populares mobilizaram o homem do campo pela conquista de sua terra e por direitos trabalhistas e sociais. Mas foi na década de 60, no governo de João Goulart, que se aprovou o estatuto do trabalhador rural que asseguravam alguns direitos do assalariado do campo. (BORGES, 2012, p.92).

O Estatuto do Trabalhador Rural traz, no seu bojo, alguma equiparação dos direitos entre o trabalhador do campo e o urbano, garantindo questões como indenização, aviso prévio, salário, férias, repouso remunerado, sistema de compensação de horas, proteção especial à mulher e ao menor etc. No entanto, esses avanços retrocedem com sua revogação a partir do início da ditadura militar, e é abafado pelo Estatuto da Terra.

Na constituição de 1988, também são previstos vários direitos ao trabalhador, previstos no capítulo 7, onde retorna a equiparação entre o trabalhador da cidade e do campo, retornando os direitos anteriormente previstos e acrescentando outros, perfazendo um total de 34 artigos, cada um listando um direito.

No que se refere a luta pela posse da terra, o MST apresenta papel destacado, mantendo na pauta do debate político e social a questão da reforma agrária. É importante destacar que, mesmo com o aumento do número de desapropriações e de implantação de assentamentos, ainda não se pode afirmar a existência de uma reforma agrária, sobretudo no seu critério de política de governo, tão pouco de política de estado.

Esse fato, no entanto, não diminui as inúmeras conquistas alcançadas por meio da luta dos trabalhadores sem-terra, sobretudo na garantia de vida digna aos assentados, cenário no qual destaca-se que:

Grande parte das pessoas assentadas, que se organiza em torno de cooperativas e associações coletivas e semi-coletivas, tem melhores condições de vida do que antes de (?) para (?) conquistar a terra. A elevação da renda das famílias é realidade nos assentamentos, principalmente onde as agroindústrias estão desenvolvidas. (...)Uma das principais conquistas do MST é manter o tema da reforma agrária na pauta de discussão da sociedade e do Estado. No campo social, os resultados nas áreas conquistadas são significativos: foi praticamente eliminada a mortalidade infantil nos assentamentos, e não existe mais a fome. É incomparável a produtividade, número de empregos e instalação de infra-estrutura de uma área antes e depois de se transformar em assentamento. Acima de tudo, foi conquistada a dignidade da cidadania, porque quando a cerca do latifúndio é rompida, também se rompe a cerca do “voto de curral”, do coronelismo e da dominação política. (MST, 2010, p.11)

Esse processo evidencia o fato de que seja por meio da CONTAG e do movimento sindical, na conquista de direitos trabalhistas, seja por meio do MST na luta da melhoria das condições de vida e da garantia a posse da terra, hoje boa parte das políticas públicas para o campo nascem pelas mãos dos movimentos sociais, fato que pode ser observado uma vez que:

As manifestações, as ocupações de terra e os assentamentos de reforma agrária tem sido os mais ativos geradores e produtores de políticas públicas. As ocupações de terra possuem os elementos de um projeto de política pública popular, ou seja, uma política pública elaborada sem a participação do governo, embora este seja envolvido em todas as suas etapas, através dos diálogos negociações e repressão. Considerar as ocupações de terra como uma política pública e como a produtora de políticas públicas nos leva a repensar o conceito de que tem sido definido apenas quando há participação do Estado. (FERNANDES, 2015, p. 33).

É nesse contexto que as novas institucionalidades apresentam um papel importante, sobretudo no que se refere ao entendimento de uma educação do campo e não para o campo, que, segundo Caldart (2012, p. 257):

Como conceito em construção, a educação do campo, sem se descolar do movimento específico da realidade que a produziu, já pode configurar-se como uma *categoria de análise* da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações. E, como análise, é também compreensão da realidade *por vir*, a partir de possibilidades ainda não desenvolvidas historicamente, mais indicadas por seus sujeitos ou pelas transformações em curso em algumas práticas educativas concretas e na forma de construir políticas de educação.

O conjunto dessas conquistas se constitui num importante legado das lutas do campo para as novas gerações, no entanto surge a inquietação acerca de como se dará o processo de sucessão dessa herança. Para chegar ao menos a um esboço de resposta a essa questão, é importante entender sobre o que se define hoje como ruralidade, reflexão que faremos a partir daqui.

3.2.4 A ruralidade e sua reinvenção: limites e identidades do novo rural

O mundo globalizado atingiu um novo alcance e significado para o campo e as identidades que o compõem. Corre longe a ideia de um mundo rural alheio ao urbano. Cada vez mais as interlocuções e mesmo simbiose entre esses dois lugares fazem emergir um novo discurso sobre os limites do rural. No entanto, é importante entender que não se trata de processo inexorável de descaracterização dos núcleos rurais, como explica Carneiro (1998, p.59), mas da sua reestruturação onde o ponto de partida é a dinâmica da incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais.

Nesse processo de entendimento de como se articula esse novo rural, é imprescindível entender como a organização do espaço agrícola realiza uma interlocução com a mudança do espaço globalizado. Santos (2005, p. 49) traz esse debate entendendo o espaço rural como reflexo do todo, quando diz que:

Deveremos estar aptos para abordar os distintos estudos da organização do espaço agrícola. As mudanças de valor de cada subespaço não se explicam por sua própria história. Trata-se de uma verdadeira e mais ampla reorganização, induzida por fatores externos e internos. Qualquer que seja o caso, mudanças verificadas numa porção do espaço repercutem nas outras porções do todo, o qual foi -

ele próprio - modificado. Desta forma, a definição de cada subespaço é, em cada período, o resultado de um grupo de relações cuja escala não é a mesma do subsistema e coincide, no mais das vezes, com a escala do Estado-Nação.

No que se refere aos limites do rural, é importante salientar que estes se detêm muito mais aos aspectos culturais do que aos relativos ao território como categoria geográfica. Entender a reinvenção do rural implica em analisar que o pós revolução industrial traz no seu bojo não somente uma modernização da produção do campo, mas também tem como um dos principais passivos a mecanização agrícola, que alcança em diferentes escalas a produção do latifúndio e a da agricultura familiar.

Importa mais do que tentarmos redefinir as fronteiras entre o “rural” e o “urbano”, ou simplesmente ignorar as diferenças culturais contidas nessas representações sociais, buscar, a partir do ponto de vista dos agentes sociais, os significados das práticas sociais que operacionalizam essa interação e que proliferam tanto no campo como nos grandes centros urbanos, tais como a pluriatividade, os neorurais, a cultura country etc. (CARNEIRO, 1998, p. 59-60).

Aliado a isso, temos também a modernização da comunicação. Isso faz com que as fronteiras territoriais diminuam significativamente, assim como as distâncias. A reorganização do rural é parte da reorganização do mundo. Isso implica na observância do que discute Bernardo et Al (2017, p. 149) quando aponta que:

A interação dialógica entre o campo e a cidade, vai além da produção de alimentos, das relações sociais e profissionais. O processo comunicacional ocorrido nessa interação visa o compartilhamento de conhecimentos em uma via de mão dupla, construindo assim o fluxo bilateral de informações.

Nessa relação, o espaço rural deixa de ser um espaço de exclusão, tornando-se o lugar onde as diferentes influências que circundam o mundo se encontram. É, portanto um espaço de ressignificação que Carneiro (1998, p. 59-60) traduz ao elucidar que:

Como vemos, as noções de “rural” e de “urbano”, assim como a de “ruralidade” e a dualidade que lhes é intrínseca são representações sociais que expressam visões de mundo e valores distintos de acordo com o universo simbólico ao qual estão referidas, estando, portanto, sujeitas a reelaborações e a apropriações diversas. Integrantes da elite agrária brasileira recorrem à práticas e hábitos tidos como “rurais”

mas que ressemantizados em outros contextos culturais servem à intenção de exibir e ao mesmo tempo instituir a sua face moderna. Enquanto isso, os “neo-rurais” brasileiros, motivados por valores próprios do antigo mundo rural (autodeterminação, contato com a natureza, tranquilidade, simplificação das relações sociais), reproduzem na racionalidade produtiva e tecnológica valores urbanos

É em face a essa reinterpretação do rural que as identidades se colocam como ponto central do debate. É importante se questionar quem é esse novo homem do campo e qual seus anseios. O fato é que, cada vez mais, há uma fuga do campo, sobretudo quando se amplia o grau de escolaridade desses sujeitos. Bourdieu cita como o jovem do campo é, socialmente, afastado do ideal de homem de sucesso pela rejeição ao ambiente do campo (BOURDIEU, 2006). É necessário aqui abrir uma reflexão se, nesse novo rural em simbiose com o urbano essa rejeição ainda se configura.

É importante, também, pensar em como as identidades se reconfiguram nesse cenário. Essa também se reformula junto ao sentido de ruralidade, como Oliveira (2006, p. 117-118) trata ao dizer que:

O processo identitário referenciado não pode deixar de perceber que se agrava, ou melhor dizendo, concebe uma nova tônica a partir do momento em que esses jovens entram em contato com o processo educativo fora do campo. Trabalhar o processo de contextualização e considerar as diversidades culturais e identitárias, construídas na configuração apresentada torna-se indispensável.

Essa ressignificação precisa ter como base o entendimento de que esses sujeitos precisam, em parte manter as conquistas da luta pela terra e, em parte, promover a aproximação entre o velho e o novo rural. Esse desafio deve partir da leitura de que:

É fundamental um elo entre o rural e o urbano, visando o estreitamento das distâncias e a socialização das informações, num fluxo bilateral de comunicação. Parte-se da premissa de que este elo pode ser fortalecido por um processo comunicacional eficiente, minimizando barreiras existentes neste processamento e respeitando os saberes dos indivíduos inseridos nos diferentes espaços geográficos, independente do mapa conceitual plural que imprime características específicas para o universo rural e urbano (BERNARDO et Al (2017, p. 150).

Aqui se enuncia o papel da educação do campo, na efetivação da construção de identidades que percebam seu lugar de fala em consonância com essa reconfiguração. É

necessário estabelecer pontes entre o novo perfil do campo e o pertencimento desses sujeitos, sobretudo da juventude, onde é importante elucidar que:

Entendemos que uma das formas de contribuir nesse debate em torno da presença camponesa em nossa história atual, é a produção do conhecimento da academia, resgatando velhas e novas lições dos estudos camponeses, pois a recomponização dos sem-terra, a maioria gente da cidade, traz novas questões, sobretudo àquelas ligadas à tarefa do conhecimento, do saber camponês como possibilidade de superação de crises. Assim, o fundamental para esses que se recriam na contemporaneidade como camponeses, não é o ser camponês, mas o caráter da existência social. Pois é essa exigência social enquanto modo de vida, que tem garantido a resistência camponesa no mundo, cabe, portanto conhecê-la, para dela fazer uso. (PAULINO E ALMEIDA, 2010, p. 57).

Pensar uma educação que constitua a noção de pertencimento sem desconsiderar a evolução do conceito de ruralidade. Uma educação do campo que entenda esse novo campo e dialogue com essa juventude. Uma pedagogia que compreenda que a herança de conquistas do movimento de luta pela terra não seja fardo e sim receba a leitura de que a cada tempo um novo lugar de fala e novas bandeiras devem ser levantadas.

3.3 A EDUCAÇÃO E A ARTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

3.3.1 Do global ao local: o papel da educação e da articulação de saberes na construção do conhecimento.

Desde o que tange a sua regulamentação na legislação brasileira, a exemplo da constituição de 1988 e da LDB a educação é vista como base primordial para a construção da vida do povo brasileiro e do país como território físico e simbólico da nação.

Na constituição cidadã de 1988, ela figura já no artigo 6º como um dos direitos sociais garantidos aos cidadãos brasileiros, retornando no capítulo III, onde ela é descrita como direito de todos e dever do Estado e da família, com a obrigação de ser promovida em conjunto com a sociedade, com o intuito de auxiliar pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1989).

Para tanto, foram instituídos oito princípios norteadores, dentre eles o segundo, que trata da “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1989). Esse princípio nos desperta especial atenção pois nele se baseia a liberdade de construção do conhecimento, de se difundir esse conhecimento construído articulando seu pensar, seu saber e seu entendimento sobre a arte.

Educação é um conceito que as correntes pedagógicas mais avançadas já atribuem como parte intrínseca a todas as etapas da vida dos sujeitos, em todos os espaços e com todas as relações que esses travam entre si e com o mundo, como explicitado na Lei de Diretrizes e Bases da educação (BRASIL, 1996) já em seu artigo 1º, quando essa a descreve como algo que: “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Uma questão fundamental que pode servir como ponto de partida é a compreensão de que os saberes prévios aos sistematizados na experiência escolar são profundamente significativos. São eles que nos relacionam com o que é mais nosso, nossas raízes, as tradições orais de nosso povo, seu modo de viver e enxergar o mundo.

É do conjunto dessas relações e ressignificações a partir da troca dentro e fora do ambiente escolar que o processo de empoderamento do educando faz-se necessário, até mesmo na defesa dos seus saberes histórico e socialmente constituídos, num processo onde Paulo Freire diz que:

O educando precisa assumir-se como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer o que quer conhecer em relação com o outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implicar re-conhecer. (FREIRE, 2003, p. 47)

É inútil pensar que o aluno chegue à escola como um depósito vazio e que somente na escola é que será preenchido com os conhecimentos repassados pelos professores. É preciso uma política de valorização do conhecimento trazido pelo aluno, pois:

Todo aluno chega à escola percebendo, simbolizando e expressando o mundo. Nas experiências vividas por ele, qualquer que seja o grupo o qual pertença, já teve a oportunidade de estabelecer relações que passam pelo sentir/pensar e pelo criar, de maneira não elaborada

conceitualmente (PERNAMBUCO – Secretaria da Educação, 1994 p. 42).

Isso posto, faz-se necessário um pensar sobre a educação que contemple a dimensão do contexto, assim como é previsto desde a LDB, quando esta traz nos seus princípios “valorização da experiência extra-escolar; vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais” (BRASIL, 1996).

Quando discutimos as práticas sociais em consonância com as relações e experiências que se dão fora dos muros da escola, estamos discutindo o lugar de fala dos educandos, a comunidade na qual ele está inserido, seus valores e crenças.

Para tanto, é necessário que seja pensado um currículo que promova o diálogo entre os saberes formalizados pelo processo escolar e aqueles adquiridos de forma empírica, conforme descrito nas Diretrizes Nacionais para a Educação Básica, quando conceitua currículo como:

A proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos(as) estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e socioafetivas (BRASIL, 2013, P. 195) .

Essas questões aparecem melhor sistematizadas na resolução que começa a instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), a Resolução CNE/CEB nº 2, de 2012, art.6º, sobretudo nos princípios previstos nas alíneas V, VI e VII, onde se prevê:

V – indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos de processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem;

VI – integração de conhecimentos gerais e, quando for o caso, técnico-profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade e da contextualização;

VII – reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes (BRASIL, 2012).

Trazendo esse debate para a esfera da educação pública estadual da Bahia, num esforço de organizar suas diretrizes educacionais, sobretudo no que se refere ao Ensino Médio, surgem em 2015 as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), que reforçam o debate sobre uma Bahia plural, permeada de diferentes contextos, baseada numa distribuição regional em 27 territórios de identidade e pertencimento e que precisa dar conta dessa pluralidade em sua política educacional.

Esse documento surge como orientador desse processo, então recente, de ressignificação dos territórios e identidades baianas e é fruto dessa compreensão que a secretaria de educação orienta suas diretrizes teóricas nesse sentido da busca por:

uma escola que promova uma formação com base unitária, facultando a apropriação do conhecimento e desenvolvimento de métodos que permitam a organização do pensamento e das formas de compreensão das relações sociais e produtivas, que articule trabalho, ciência, tecnologia e cultura na perspectiva da emancipação humana (BAHIA, 2015).

As OCEM's tem um papel relevante na nova estruturação da política educacional baiana para o ensino médio, no entanto não avança no que se refere a discussão desses territórios e suas identidades. Para tanto é necessário recorrer a outras bases epistemológicas, a exemplo da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido - ECSAB, que entende que o processo de educação só adquire real significado quando é pensado em consonância com os diferentes contextos dos diferentes Semiáridos existentes e com o rompimento da ideia de um semiárido uno, seco e miserável.

Parte desse conceito ratificado ao longo de décadas pela indústria da seca promovia ora a evasão escolar, uma vez que somente o trabalho extenuante nas lavouras poderiam ser opções para a sobrevivência, ora o êxodo para áreas urbanas.

É a partir das novas institucionalidades que surgem no semiárido que a proposta de Convivência surge como uma nova via que entende as novas ruralidades, pensando uma educação que contemple esses jovens que vivem no campo e promova sua permanência naquele que é seu lugar de fala, uma vez que:

A proposta de conviver com a realidade ambiental do Semiárido em seus limites e potencialidades toma como ponto de partida a contextualização da natureza e do território, por sua vez,

desconstruindo e (re) construindo significados e saberes elaborados sobre esses elementos da sua identidade cultural. Este movimento orienta-se por metodologias de aprendizagem calcadas na participação dos grupos e contextualização do saber, formatando uma ‘cultura da convivência’, cuja intenção é interagir natureza e cultura, integrando-as, comungando-as (CARVALHO, 2013, p. 56).

No entanto, mesmo com todo o aparato legal e teórico voltados para a construção de uma educação viva e de fato significativa, a construção real desse processo aponta para outras direções.

A prática pedagógica na maioria das escolas apresenta-se de forma autoritária, não permitindo ao educando oportunidades para a expressão do pensamento, reflexão e sentimento com relação ao mundo que o cerca. Assim sendo, cria-se uma barreira entre o conhecimento empírico e o saber sistematizado, resultando em um processo alienatório no qual o professor e aluno limitam-se a assuntos/conteúdos previamente programados que muitas vezes são desarticulados da realidade.

Quando pensamos nesse cenário educacional e o levamos para o campo, é importante compreender que, assim como na cidade, esse modelo de educação se mostra ineficaz, uma vez que é necessário pensar uma educação que de fato dialogue com o contexto dos seus sujeitos, uma vez que:

Nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente, sobre ela. (FREIRE, 1983).

O processo de globalização, os apelos da sociedade da informação, os limites cada vez menores entre rural e urbano enfraquecem a identidade campesina, atraindo o jovem cada vez mais para a cidade. Mesmo com políticas públicas voltadas para o campo, percebe-se o afastamento e até mesmo negação do jovem, trazendo riscos assim para a permanência e fixação das novas gerações no campo.

Em face a esse processo, faz-se cada vez mais necessário discutir uma educação que dialogue com o contexto vivido pelo educando e seu lugar de fala, que tenha uma função de extrapolação da prática corrente, sabendo que:

Nesse sentido, a educação deve de ser pautada não por extrapolar só como sair do lugar, mas nesta relação dos conhecimentos e saberes dos sujeitos, que tendo como base os elementos do seu mundo vivido experienciado, a partir do acesso à escola, passam desnaturalizar, a provocar o estranhamento para promover a atualização dos mesmos de maneira sempre crítica inovadora, sem, no entanto, desconsiderá-los. (REIS, 2009, p.120).

Pensar o currículo de uma escola que se proponha a fazer um processo educacional realmente significativo precisa dar conta dos desafios postos em se fazer uma educação voltada para os sujeitos, seus lugares, seu modo de vida, que respeite suas identidades ao passo que os conecte com os saberes globais.

3.3.2 Identidade, pertencimento e o ensino da arte

As artes são mencionadas na constituição federal de 1988 apenas cinco vezes, sendo quatro delas voltadas para a liberdade de expressão artística e a construção da identidade nacional. No que se refere a relação entre arte e educação a única menção é a definição da “liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento.”(BRASIL, 1988) que aparece como segundo princípio do capítulo destinado a educação.

Se tentarmos retomar um conceito sobre arte, poderíamos utilizar o de Weitzs citado em Ramme (2009, p. 199) quando afirma que:

O conceito de arte seria intrinsecamente aberto e mutável, e designa um campo que se orgulha da sua originalidade e inovação. E mesmo que pudéssemos agora definir o que é arte, nada garante que a arte futura vai se conformar com esses limites. O mais provável é que suas transformações não parem de acontecer. Desse modo, diz Weitz, o caráter extremamente expansivo e instável da arte torna sua definição logicamente impossível.

Assim sendo, a arte transcende conceitos justamente por ser construção humana ao passo que também é parte do que constrói a identidade humana. Carregada de “interesses

desinteressados”, “causa e sintoma”, movimento de ação e reação” das forças que se movimentam dentro do campo artístico, uma vez que:

Procurar na lógica do campo literário ou do campo artístico [...] o princípio da existência da obra de arte naquilo que ela tem de histórico, mas também de trans-histórico, é tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual ela e também sintoma. É supor que aí se enuncie um impulso expressivo que a formalização imposta pela necessidade social do campo tende a tornar irreconhecível. A renúncia ao angelismo do interesse puro pela forma pura e o preço que é preciso pagar para compreender a lógica desses universos sociais que, através da alquimia social de suas leis históricas de funcionamento, chegam a extrair da defrontação muitas vezes implacável das paixões e dos interesses particulares a essência sublimada do universal. (BOURDIEU, 1996, p. 15 e 16)

Desta forma é ingênuo pensar que nas aulas de artes clássicas é que o aluno irá conceber o que é arte, o aluno ao adentrar à escola já traz consigo uma série de valores, inclusive suas noções de estética e beleza. Não se pode conceber a arte como um modelo único. “Não podemos ter um ao outro para jantar. Nós, uns com os outros, através de nossas conversas podemos criar, não uma arquitetura global, mas uma imensa e intrincada”. (PERNAMBUCO – Secretaria de Educação, 1988 p. 21).

A arte deve ser utilizada como um veículo de desalienação, pois esta é manifestação e está exposta a toda uma macro estrutura refletindo e reproduzindo a mesma. Nunes (1989), ressalta que, individualmente criada e socialmente condicionada, a obra de arte une, em si mesma, a experiência individual e a social.

Essa percepção vai ao encontro do que Bourdieu (2010, p. 124) trata ao suscitar o debate acerca da identidade diante da dominação nas relações de forças simbólicas, onde, na fragilidade da individualização nossa identidade se propõe, forçadamente, a aceitação da definição dominante, mas que, no entanto, nossa identidade legítima se impõe sobre a dominante quanto é parte da luta coletiva pela subversão das relações de força simbólicas.

A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de *intimidação* que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação colectiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que,

entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer. Bourdieu (2010, p. 125).

Rodrigues (2014, p.204), nos traz o debate de como a arte pode auxiliar no processo de reconhecimento e proximidade, ajudando na percepção da relação entre o eu e o todo, base de constituição da nossa relação de pertencimento e aprofundamento que a ressignificação produz:

No reconhecimento existe o começo de um ato de percepção. Mas este começo não é autorizado a servir ao desenvolvimento de uma percepção plena da coisa reconhecida [...]. O simples reconhecimento pode paralisar a percepção naquilo que já se compreendeu, sem problematizações, sem aprofundamentos, aprisionando a percepção. A compreensão pode encaminhar-se para interpretações e significações mais profundas, complexas e pertinentes, gerando maior proximidade e, quem sabe, encorajando para outros encontros com a arte. (RODRIGUES, 2014, p. 204)

A escola apresenta ao aluno conhecimentos sistematizados sobre o país e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil, fornece subsídios para debate e discussão em torno de questões sociais. Nesse sentido, a afirmação de Desgranges (2006, p. 26) ao dizer que “a experiência artística se coloca, desse modo, como reveladora, ou transformadora, possibilitando a revisão crítica do passado, a modificação do presente e a projeção de um novo futuro” aponta para a possibilidade do estudo da arte ajudar na compreensão dessas questões e seus contextos.

Dessa forma é preciso que a escola utilize-se das manifestações artísticas como meio para evidenciar essas diferenças culturais internas e externas à escola. A diversidade é um traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, tendo a ética como elemento definidor das relações sociais e interpessoais.

Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo. [...] A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre arte e o público. (BARBOSA, 2009, p. 13)

Para solucionar esse hiato, uma possibilidade pedagógica importante é a mediação cultural uma vez que a arte tem esse papel de ligação com nós mesmos e com o mundo:

Ao pensarmos em mediação não devemos pensar uma obra como objeto, mas como um território de encontro e provocação “como um campo de forças, forças que vão atravessar aquele que dela consegue se aproximar. Entrar em contato com a arte é se deixar atravessar por essas forças que nela circulam” (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p. 135).

Torna-se necessário uma mudança de postura por parte da escola, professores e alunos. Para se trabalhar o conhecimento como um todo não como partes esfaceladas deve-se adotar uma política de interdisciplinaridade, conceituada pela Secretaria de educação do Estado da Bahia como metodologia onde:

Há troca de conhecimento entre as disciplinas, que possuem coordenação e articulação para o mesmo propósito. A metodologia adotada pelas matérias é a mesma e há articulação entre os eixos do conhecimento. Por exemplo, um tema como sustentabilidade pode ser abordado sob diferentes perspectivas em cada uma das áreas, como em geografia, história, ciências e português.

É por meio dessa interação que o aluno é capaz de ter uma visão dinâmica sobre o assunto e com isso o seu processo de ensino e aprendizagem é enriquecido. É considerada a estratégia mais adequada, visto que é capaz de gerar mais ganhos para o desenvolvimento do aluno. (BAHIA, 2019, p. 78)

O estudo da arte é um grande componente potencializador dessa visão interdisciplinar da educação, sobretudo devido a visão interdisciplinar não contradizer a divisão em componentes curriculares, mas sim contestar a falta de interação entre essas, uma vez que, como citado por Bonci e Martins (2017), com contribuição de Martins (2014):

Parece haver uma compartimentalização do saber. As disciplinas são organizadas e trabalhadas como realidades estanques, sem interligação, dificultando a compreensão do conhecimento como um todo, sem permitir uma percepção ampliada da realidade.

Em busca da superação dessa fragmentação, uma possibilidade de mudança é pensar na educação interdisciplinar, baseada na integração das disciplinas, permitindo a construção de uma compreensão ampla e abrangente do saber. E também na importância da mediação cultural oferecendo não só o acesso, mas ampliando a experiência estética

Nas formulações a respeito dessa temática, a Secretaria de educação do estado da Bahia vincula a ideia de contexto, identidade e cultura, bem como a relação dessas questões com os aspectos globais, quando aponta que:

Tratar sobre o contexto baiano exige privilegiar uma perspectiva em que os aspectos da pluralidade, da diversidade cultural e territorial passem a ser centrais. A Bahia, que deve ser pensada a partir dos hábitos, costumes e tradições do seu povo, deve ser percebida, portanto, como imersa numa variedade de aspectos culturais, formadores de uma identidade singular, de uma memória histórica, na qual os(as) estudantes apoiam suas experiências pessoais e os conhecimentos que possuem do mundo (BAHIA, 2015, p. 11).

No entanto, as ações mais comuns em nossas escolas trazem a tona uma prática pedagógica majoritariamente conteudista e marcada pela reprodução. Para construir uma educação em artes de fato emancipadora e que propicie uma ideia de real pertencimento Arantes (2017, p. 59) revela que:

Percebo que o ensino da Arte sempre necessitará de um educador sensível, que seja capaz de criar situações para que os alunos consigam ampliar a leitura e a compreensão do seu mundo, sua cultura, propor diálogos enriquecedores com a socialização de saberes e das perspectivas pessoais de cada aprendiz/fruidor/produtor. Como professores pesquisadores e mediadores da cultura devemos trabalhar modelos não como formas a serem copiadas e transmitidas para os alunos, mas sim de modo que os educandos os apreendam como formas instigadoras de caminhos pessoais ou como referências abertas para ir além. Para isso é importante levar em consideração os desejos, interesses e necessidades dos alunos, para a partir daí pensar em como organizar os saberes para as situações didáticas de modo a introduzir, motivar e instigar desafios estéticos, sensoriais, perceptivos e os processos de criação.

Fruto desse debate, se intensifica a necessidade de uma educação que dialogue com esse jovem em consonância com seus anseios, respeitando as novas formas de ruralidades, fortalecendo uma identidade campesina aberta aos processos de globalização e modernização do campo, utilizando a arte como ferramenta, é de suma importância para a garantia da continuidade dos avanços na conquista de direitos assim como a manutenção do que já foi conquistado pelas populações do campo enquanto herança de uma luta que é diária se não a gente acaba perdendo o que já conquistou.

4 METODOLOGIA

Com o objetivo de avaliar as potencialidades e fragilidades dos conteúdos e das práticas pedagógicas no campo das Artes desenvolvidas pelo CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA e sua contribuição para a formação da identidade do jovem catingueiro, foi feita a opção por uma pesquisa de natureza qualitativa e de finalidade exploratório-descritiva seguindo a classificação de Gil (1999) onde “a pesquisa exploratória tem como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” e Mattar (2001) pois métodos utilizados são amplos e versáteis (levantamento em fontes secundárias, levantamentos de experiências, observação informal).

Este trabalho desenvolveu-se em todas as séries do turno diurno do anexo do Colégio Democrático Estadual Professora Florentina Alves dos Santos em Carnaíba do Sertão, distrito situado a cerca de 22 km da sede do município de Juazeiro-BA e os sujeitos da pesquisa foram os alunos residentes nas comunidades rurais do distrito, professores de artes, coordenação e direção, utilizando das metodologias das pesquisas qualitativa-descritiva.

Para tanto foram levantados objetivos específicos que serviram como norteadores dos caminhos percorridos durante o processo de pesquisa. Um desses objetivos foi analisar de que modo a proposta pedagógica do anexo de Carnaíba conversa com a proposta estadual para educação para o campo, bem com as identidades dos seus estudantes, sobretudo no que se refere ao ensino de artes.

Seguindo esse objetivo, foi feito um levantamento da base documental da proposta pedagógica do estado da Bahia para o ensino médio, bem como do projeto político-pedagógico do CODEFAS, sobretudo no que se refere a proposta curricular do anexo de Carnaíba do Sertão.

Essa etapa pretendeu compreender a visão da mesma, saber, por exemplo, se as práticas pedagógicas utilizadas são contextualizadas, se a escola possui algum tipo de preocupação com a identidade do jovem rural, se tem alguma citação diferenciada na metodologia a ser aplicada no anexo, se a fundamentação teórica do PPP leva em consideração as realidades do anexo, assim como se os professores possuem alguma formação específica para trabalhar no meio rural; se os conteúdos sofrem alguma adequação do

CODEFAS sede para o anexo, dentre outros. Assim, o PPP do colégio foi estudado/analísado/confrontado com a prática cotidiana.

Como forma de entendimento acerca da relação entre a proposta manifesta do PPP e a prática pedagógica, o currículo manifesto do CODEFAS no anexo de Carnaíba foi observado por um semestre com visitas periódicas em dias de aula, reuniões, eventos da escola assim como da comunidade visando observar as trajetórias sociais da comunidade escolar. “Observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso” Cervo & Bervian (2002, p. 27).

Outro objetivo elencado foi compreender a percepção acerca da relação entre o ensino da arte, a interdisciplinaridade e a construção de uma lógica de pertencimento entre os estudantes de Carnaíba do Sertão e seu lugar de fala;

Para cumprir esse objetivo o instrumento de coleta de dados escolhido foi a entrevista semiestruturada, método onde, segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 279) “há um roteiro de tópicos relativos ao problema a ser estudado e o entrevistador tem a liberdade de fazer as perguntas que quiser, sobre razões, motivos, esclarecimentos” e que foi aplicado apenas a sete professores e oito alunos e um vice gestor, de forma individual. Os dados dos participantes da pesquisa foram coletados através de protocolo de entrevista semiestruturada, onde constam dados de identificação e caracterização, tipo gênero, idade, série, local de moradia etc.

Nesse procedimento, foram apontados tópicos norteadores para servirem como base para o diálogo com o intuito que esses estimulassem o entrevistado (professor ou aluno) a falar sobre suas impressões das atividades de arte, a importância disso para sua formação, a importância da arte para compreensão de seu local social, a importância da arte como forma de expressar-se.

Também seria possível perceber, através das entrevistas, como o jovem do distrito de Carnaíba do Sertão se identifica enquanto jovem caatingueiro, camponês do semiárido nordestino. Essa informação ajudaria na resolução do terceiro objetivo específico, voltado para elucidar qual é o perfil identitário do estudante de Carnaíba do Sertão e como se dá sua relação com o Semiárido baiano.

As entrevistas aconteceram em sala reservada, no próprio ambiente escolar, com um tempo estimado livre para cada participante, e em horário de aula, justificando que

isso ocorreu em virtude de muitos alunos não morarem na sede do distrito e dependerem de transporte escolar para se deslocarem de casa para a escola.

O recrutamento dos participantes aconteceu na própria escola, tomando-se o cuidado para que não atrapalhasse o andamento da mesma. Para isso, conversamos com a direção, coordenação e professores obtendo, assim, a sua anuência e colaboração. Já alinhado com os profissionais, passamos em todas as turmas fazendo a explanação da pesquisa e convidando os alunos a participarem da mesma. Também explicamos sobre os termos de autorização que utilizados na pesquisa, como o TCLE dos alunos maiores de 18 anos, TCLE dos pais ou responsáveis, TCLE dos profissionais participantes da pesquisa e Termo de Assentimento do Menor, para os alunos menores de 18 anos.

Na coleta de dados usamos as entrevistas com alunos, os professores, a coordenação e a direção. Essas escutas foram conversas e observação com os sujeito citados, e aconteceram em momentos vagos do dia, como por exemplo, antes e no final das aulas, em intervalos de uma aula para outra, em momentos de conversas informais na sala dos professores etc.

Nesse processo, optou-se pela triangulação como um dos procedimentos analíticos, uma vez que esse processo permite o cruzamento de diversas fontes e variáveis, favorecendo a análise do “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO, 2010, pp. 28- 29) e tornando possível a “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” (MINAYO, 2010, p. 29).



A metodologia utilizada para a decodificação dos dados obtidos foi a análise de conteúdo que vai servir de base para uma análise qualitativa das entrevistas, das observações, baseado em Bauer e Gaskell (2002, p. 203) que trazem essa técnica como uma construção social baseada num sistema de codificação onde se elencam categorias que respeite o princípio de coerência e que, o mesmo tempo traga simplicidade e beleza à análise, atendendo ao critério de qualificação da análise.

Para a análise de conteúdo foram elencadas categorias de análise que poderiam ajudar a alcançar os objetivos propostos pela pesquisa ajudando a estabelecer um padrão entre os dados coletados.

Chave para decodificação da análise de conteúdo	
Categorias de análise	Base epistemológica
Interdisciplinaridade	Bahia (2019), Bonci e Martins (2017)
Identidade campestre/catingueira e sentimento de pertencimento	Bourdieu (2010), Paulino e Almeida (2010) Rodrigues (2014),
Práticas contextualizadas	Reis (2009), Carvalho (2015)
Formação para a educação para o campo	Arroyo (2007)
Percepção sobre arte e contexto	Barbosa (2009), Martins (2017)

TABELA 01 - Chave para a decodificação da análise de conteúdo

Nesse sentido, foi elaborada uma série de pontos norteadores para a análise que serviram como embasamento das respostas que a pesquisa buscava, tais como qual seria o perfil do jovem de Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA; como se dariam as relações entre os conteúdos e práticas pedagógicas no campo das artes constantes no PPP do CODEFAS; quais as repercussões destes conteúdos na formação da Identidade do Jovem da área Rural discente do anexo do CODEFAS; quais as percepções dos professores de Artes do CODEFAS quanto a estas repercussões; que possíveis potencialidades e fragilidades estes conteúdos e práticas propostos apresentavam.

Como produto final da pesquisa propôs-se a elaboração de um Vídeo Educativo sobre Ensino de Artes adaptados à realidade do Jovem da Zona Rural do Semiárido. O vídeo é destinado ao público em geral, mas em especial a professores, sobretudo os de artes, que lecionem em escolas do campo. De forma leve humorada foi elaborado um vídeo curto com características de vídeos produzidos para divulgação/reprodução na internet.

Este tem o objetivo de dar um start na discussão sobre a importância da contextualização de conteúdos para a construção da identidade dos educandos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa parte da análise de três pontos: Os documentos que referenciam o ensino da Arte no CODEFAS, a observação participante e as narrativas contidas nas entrevistas semiestruturadas.

No que se refere à análise documental, a proposta pedagógica vigente para a educação do componente artes no estado da Bahia, pautada nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM, São bastante sintéticas.

Esse componente, parte da área de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias está, assim como os demais pertencentes a área, baseado em quatro eixos temáticos: Letramento e formação cidadã, Interações e diversidade, Sociedade e mundo globalizado e Pesquisa, tecnologia e produção científica.

No parágrafo destinado a apresentação do componente, cerca de dois terços do texto se destinam a relatar o marco legal que, entre outras coisas, definem artes como componente curricular obrigatório (BRASIL, 1996, com redação do parágrafo modificada pela lei nº 12.287, de 2010).

Ainda nesse texto são enumeradas as diferentes linguagens que formam o componente e se aponta, de forma sutil, a perspectiva de que o mesmo se relacione com os demais componentes de forma interdisciplinar, umas das categorias de análise aqui utilizadas, e que o mesmo é resultado da experiência vivida:

Desse modo, reconhece-se a Arte, no âmbito do currículo escolar, como parte do conhecimento socialmente construído e, assim, preconiza-se que os estudantes encontrem na escola experiências em Arte, em sua diversidade de linguagens, de processos e de configurações com vistas à formação de um cidadão criativo, crítico e propositivo (BAHIA, 2015, p. 12).

Podemos chegar a essa conclusão ao entender que uma vez que se reconhece a arte no currículo escolar como parte do conhecimento socialmente construído e que se propõe sua construção de forma ampla e diversificada, o que apontaria relação com a categoria percepção de arte e contexto, no entanto a proposta não apenas fica resumida ao campo da subjetividade da leitura de cada um, como no que se refere às competências e habilidades a proposta se resume a apenas quatro competências, uma por eixo temático.

A escassez de indicadores fica ainda mais evidente quando comparada a Língua Portuguesa com nove competências indicadas e Língua Estrangeira moderna com sete competências. Cada uma dessas competências articula uma série de habilidades a serem desenvolvidas durante o ensino médio. Em números precisos, foram indicadas 49 habilidades para Língua Portuguesa, 30 para Língua Estrangeira Moderna e apenas 17 para Artes.

Muito embora esse pareça um dado apenas quantitativo, seus desdobramentos se dão na ausência de descritores para o desenvolvimento do componente justamente no que toca a questões fundamentais, como contextualização, interdisciplinaridade e pertencimento, categorias elencadas por esta pesquisa.

Outra leitura possível é que essas questões são postas de forma pontual, sempre vinculadas a ideia de uma arte global, mas carecendo de uma maior articulação com esses saberes locais social e historicamente constituídos.

COMPETÊNCIAS DE ARTE PARA O ENSINO MÉDIO DA BAHIA	
EIXO	COMPETÊNCIA
Letramento e formação cidadã	Compreender a Arte, em suas linguagens (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, entre outras), como possibilidade crítico-reflexiva de leitura de mundo e emancipação social, (re)conhecendo-se como sujeito proativo no exercício pleno da cidadania, em diferentes contextos socioculturais.
Interações e diversidades	(RE)conhecer a diversidade de sujeitos e de contextos presentes no espaço (extra)escolar e as relações que estabelecem com as múltiplas formas de organização da Arte.
Sociedade e mundo globalizado	Perceber as linguagens artísticas como parte constituinte de uma sociedade globalizada, entendendo os seus processos de criação como manifestação sociocultural e histórica que articula contextos locais ao global.
Pesquisa, tecnologia e produção científica	Compreender a importância da pesquisa científica e do uso das tecnologias para o acesso e a produção de conhecimento em Arte, com vistas à formação integral dos estudantes.

Quadro 02: Eixos e Competências de Artes para o ensino Médio da Bahia.

O quadro demonstra que, na produção superficializada sobre o componente curricular, existem indicativos que até poderiam vincular a proposta do estado às categorias

levantadas pela pesquisa, mas carece ainda de um aprofundamento mais substancial e uma releitura que leve em conta os contextos dos diferentes territórios, sejam eles da cidade ou do campo.

No que se refere à análise do Projeto político Pedagógico da escola, todo o conteúdo referente ao anexo de Carnaíba do Sertão se resume ao texto contido na página 10 do documento.

Nele é feita, inicialmente, uma caracterização onde é citado que o mesmo funciona em 4 salas no Colégio Municipal Professora Graciosa Xavier Ramos Gomes, descreve o tamanho de sua equipe pedagógica e do corpo discente. Ainda nessa descrição o documento indica que seus educandos “buscam uma formação humana integral para atender ao ingresso na universidade, ao mundo de trabalho, como também, a formação para às necessidades da vida no campo” (CODEFAS, 2018, p. 10).

Também nesse texto é evidenciado o caráter campesino do anexo e a necessidade do mesmo ser pensado sob um prisma diferente da sede, uma vez que nele se configura:

Uma realidade que precisa ser considerada na construção do currículo e nas metodologias que contemplem as necessidades dos educandos, pois boa parte desses estão inseridos no contexto agrário. Contexto esse, composto pela atividade agrícola moderna, em que nossos educandos e familiares constituem mão-de-obra específica para o campesinato e agricultura familiar. Todas essas particularidades precisam ser trabalhadas de forma interdisciplinar pela escola, com o objetivo de desenvolver uma aprendizagem que valorize o conhecimento prévio e o meio em que vive o educando.

Baseado nessas informações, faz-se importante desenvolver um trabalho pedagógico voltado para o semiárido, ao considerar as mais diversas abordagens naturais, históricas, sociais, culturais e econômicas, de modo interdisciplinar, contextualizada. Dessa forma, promove discussões sobre temáticas relativas ao referido clima com a comunidade escolar, pela sua pertinência e importância indiscutível para a região (CODEFAS, 2018, p. 10).

Os indicativos presentes no PPP sugerem a intenção de se pensar o currículo do CODEFAS de Carnaíba do Sertão, no entanto carece de ser revisitado, ampliado, apontar de forma mais clara essa intenção e promover, de fato, uma nova construção para o currículo da unidade.

Na observação proposta pela pesquisa, realizando algumas visitas, foi possível perceber que os alunos do Anexo em Carnaíba do Sertão são divididos entre moradores das fazendas e comunidades circunvizinhas e os da sede do distrito.

Esse é o primeiro gargalo já que pela proximidade com a sede do município o distrito de Carnaíba tem características urbanas. São dois mundos distintos juntos na mesma escola. De um lado estudantes que parecem moradores de um bairro da cidade e, do outro, estudantes que tem suas vidas mais perto do cotidiano rural com plantações e criações de animais, etc.

A observação do cotidiano escolar, feita a partir do lugar de membro da comunidade escolar foi realizada a partir de várias visitas e diálogos com os professores e os alunos, de forma espontânea e com o cuidado de não se configurar como uma espécie de vigilância.

Além disso foram observados dois eventos: a Feira de Artes e o Dia da Consciência Negra. Os eventos são compartilhados entre as duas escolas que convivem no mesmo espaço. Sendo a Escola Municipal Professora Graciosa responsável pelo ensino fundamental e o CODEFAS oferta o ensino médio.

A observação evidenciou que nos trabalhos da escola municipal há uma preocupação com as questões mais próximas da realidade da comunidade de Carnaíba, talvez por isso, pelo fato dos alunos do CODEFAS virem do ensino fundamental nessa escola, a escola acaba por trabalhar temas mais amplos ou mais descontextualizados com a realidade local.

Existem na escola vários projetos que vivenciam as categorias elencadas pela pesquisa e isso também é vivenciado nas aulas de inúmeros componentes, porém ainda não existe uma proposta institucionalizada nesse sentido, o que faz com que as iniciativas individuais sejam incipientes nesse sentido.

Tivemos uma grande resistência do estudante em participar das entrevistas para a pesquisa, exatamente por não acreditarem ou entenderem ou quererem a proposta do objeto de pesquisa. Na realidade eles não se compreendem enquanto sujeitos inseridos em um contexto rural pois muito embora o distrito de Carnaíba do Sertão seja entendido geograficamente como área rural sua organização social do espaço tem muito mais pontos em comum com a ideia de urbanidade.

As entrevistas foram realizadas com alunos do 1º ano do ensino médio do anexo de Carnaíba. A escolha desse público se deu devido a esse ser o único ano onde os mesmos vivenciam o componente Artes na matriz curricular do ensino médio. Foram realizadas oito entrevistas com jovens de 15 a 18 anos, sendo cinco moradores da sede do distrito, e os demais das fazendas Santa Helena, União e Lages.

No intuito de manter preservada a identidade da fonte, foram criados nomes fictícios para apresentar as diferentes narrativas colhidas com os estudantes, estando os mesmos assim caracterizados:

Narrador	Atividade
João	Estudante
Maria	Estudante
Ana	Estudante
Rosa	Estudante
Clara	Estudante
Luzia	Estudante
Joana	Estudante
José	Estudante
Rúbia	Professora
Elis	Professora
Talita	Professora
Pedro	Professor
Matheus	Professor
Francisco	Grupo Gestor

Tabela 02: Caracterização dos sujeitos da pesquisa

As conversas com os estudantes foram orientadas pelo roteiro das entrevistas semiestruturadas que consta nos apêndices. Nele está desenhado um cenário que aborda especialmente três pontos a partir das categorias elencadas pela pesquisa: 1. Interdisciplinaridade e contextualização nas práticas pedagógicas; 2. Percepção sobre arte/cultura e sua relação como contexto; 3. Sentimento de Identidade e Pertencimento.

Em um primeiro momento é visível como os estudantes vinculam as questões específicas sobre o Semiárido somente ao componente curricular Geografia. Uma avaliação rápida pode esclarecer essa identificação diante do fato dos conteúdos de Geografia para o 1º ano serem voltados para a Geografia Física, tratando de temas específicos da região como o Clima Semiárido, o Bioma Caatinga, a bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, entre outros.

No entanto, das falas dos estudantes não emergem nem indicativos de trabalho com as questões próprias do Semiárido em outros componentes, nem um aprofundamento do elemento humano e suas relações culturais e sociais naquilo que é visto em Geografia.

No que se refere a percepção de arte, cultura e suas manifestações, quando relacionado aos conteúdos vistos na escola, é elencado que o componente específico que trata dessa questão apresenta um conteúdo mais geral. Muitas falas se referem experiência vivenciada sobre arte urbana, citando um trabalho realizado na sede de Juazeiro:

Era sobre artes urbanas, que era pra gente pesquisar sobre artes urbanas aqui em Juazeiro a gente fez uma cartilha, não um portfólio, bem interessante, que era contando a história. Tinha que ir lá em Juazeiro, tirar fotos [...] Tipo o Nego D'água, João Gilberto, aí tinha que contar a história. (LUZIA, ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

Quando discutimos as novas ruralidades, percebemos o distrito de Carnaíba como um território em transição. Nos diálogos travados ao longo da pesquisa, percebem-se três gerações bastante distintas: os avós ainda agricultores familiares, a maioria voltados para a agricultura de subsistência, os pais ou trabalhadores rurais assalariados, sobretudo oriundos da AGROVALE, ou em atividades não necessariamente voltada para o campesinato (Caminhoneiros, artesãos, etc.) e os filhos muito voltados para a lógica de sair do seu distrito de origem ou, se mantendo lá, com relações com elementos como a música mais voltada para o que é consumido na cidade e deixando para trás as tradições locais como está presente na fala de Luzia (2019) quando diz que:

“É uma coisa mais de gente idosa que faz isso, a gente novo não quer participar. Muitas pessoas aqui no colégio nem sabe do que acontece aqui na Carnaíba, só mesmo quem é focado, mas muitas pessoas tá deixando essa tradição acabar, e é uma coisa que não deveria acontecer nunca, nunca mesmo, que é tão lindo você saber, as novenas mesmo tão lindo é em maio, é todo mundo é animado aqui, que é uma tradição e as pessoas estão deixando. (ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

Nessa perspectiva, quando questionados sobre o que conhecem das manifestações culturais típicas de Carnaíba, os jovens citam mais comumente aquelas de origem religiosa, como novenas, festa da padroeira, São Gonçalo, Quadrilhas de São João e Candomblé. Outras manifestações citadas foram Vaquejada, Corrida de Argolinha, Bumba meu Boi, samba, todas com apenas uma citação.

No que se refere ao sentimento de Identidade e Pertencimento todos foram unânimes em afirmar que se reconhecem como Caatingueiros. Quando questionados sobre como compreendem o que é ser Caatingueiro, os jovens, geralmente, remetem a lógica territorial, onde Caatingueiro seria alguém que vive na caatinga. Outra menção muito comum é sobre essa relação com o trabalho campesino. Outra fala identifica como campesina “a pessoa que mora no bioma caatinga, que convive em meio a sociedade caatingueira” (JOSÉ, ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

Outra questão importante é a ideia de luta e resistência que algumas narrativas trazem. Isso fica claro, por exemplo, na fala de Joana (2019) quando diz que ser Caatingueira é ser “uma mulher que trabalha em roça, que planta e que sobrevive por aqui, com essas plantações e luta pela resistência daqui”.

Essas falas trazem não apenas a ideia de resistência, mas também tem em si, por vezes um sentimento de permanência. No entanto, a falta de abordagem de questões relativas ao contexto dos educandos dificulta isso como relatado por Rosa (2019), uma vez que os projetos são:

Voltados pra outros meios, não trabalha incentivando, nem nada, não demonstra muito, não incentiva, é mais voltada para a aprendizagem de medicina, advocacia, mais outras profissões [...] Se fosse trabalhada na escola, se a gente visse nossa realidade, que a gente sabe que pode contribuir com nosso futuro, seria mais fácil pra mim porque quando eu ficasse aqui teria coisas que eu ia ver e eu ia lembrar, que eu vi na escola (ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

No entanto, alguns discursos ainda reproduzem a lógica onde a “Caatinga é um lugar quente e seco, que tem poucas chuvas, que as plantas conseguem viver algum tempo sem água, mas também algumas não conseguem sobreviver” como descrito por Clara (ENTREVISTA CEDIDA EM 2019). Essa fala determinista vai de encontro a ideia de convivência com o Semiárido, muito embora a fala de Ana (2019) traga que temas relativos a convivência também são discutidos

em Geografia. Nessa mesma fala ela entende que ser caatingueira se refere a ser “uma pessoa que mora no interior, mas não necessariamente só se refere a isso, é toda uma vida no nordeste, toda uma história” (ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

Por fim, as narrativas revelam a vontade de que as aulas dialoguem mais com sua realidade, trazendo elementos do seu contexto, se relacionando com o que vai para além dos muros, como por exemplo quando Luzia é questionada sobre o que acha de temas relacionados a sua vida serem trabalhados pelos componentes curriculares:

Acho que precisava que a gente trabalhasse mais ..Até mesmo se a gente um dia andasse aqui na Carnaíba pra mostrar coisas históricas, caieiras que teve na Carnaíba tem muitas aqui, mas não, só aqui dentro do colégio, só coisa rotineira, mas poderia mostrar, Carnaíba tem tantos pontos de coisa que a gente trabalhou a muito tempo atrás (LUZIA, ENTREVISTA CEDIDA EM 2019).

No que se refere ao diálogo com os professores, a princípio a escolha da pesquisa foi por ouvir somente os responsáveis pelo componente Arte. No entanto, com o período letivo reduzido no final de 2019, duas etapas importantes foram postergadas e tiveram sua realização prática após a qualificação: A realização das conversas com os professores e a análise dos planos de curso e do livro didático de apoio.

Em outra etapa da pesquisa foram realizadas as conversas com os professores. Essa etapa se deu em um período que vem após a dos estudantes. Como os relatos dos estudantes revela a relação da interdisciplinaridade com o tema da pesquisa, foi redefinido o público, que a princípio seria apenas os professores do componente Arte, expandindo o campo para diversos componentes.

Nessas entrevistas as questões eram vinculadas as nossas categorias de análise. Entender como a interdisciplinaridade, a ideia de identidade, o sentimento de pertencimento, a compreensão das práticas contextualizadas, entre outros, era o foco principal a ser captado pelas narrativas.

Quando questionados sobre a Contextualização do debate acerca de temas como Caatinga, a professora de Física Rúbia, afirma que o faz as vezes nos projetos de caráter interdisciplinar e que acredita que “Contextualizar o bioma/ecossistema faz parte da função de qualquer componente curricular”. (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

Nesse mesmo ponto, o professor Pedro, que leciona Biologia e Educação Física descreve as etapas de contextualização com os temas sobre a caatinga enumerando que:

Primeiro, trabalhamos conceitos e sua fitofisionomia. Em seguida analisamos as informações conceituais e aplicamos a localidade, destacando a caracterização da fauna e da flora local. Essa caracterização é feita por meio de pesquisas na internet, apresentação de trabalhos (ou seminários), com exposição de espécies e de conhecimento empírico que esteja dentro do tema. (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

Essa questão também é abordada na entrevista do Professor Matheus, que aponta que “não. Mesmo sendo professor de Biologia esse tema ficou a cargo do professor que leciona o componente EUCA”

Outro aspecto levantado pelas entrevistas versava sobre a existência de algum projeto sobre bioma/ seus alunos, uma vez que a professora tenta “levar os alunos a refletirem sobre a realidade em que estão inseridos, buscando assim, fazer com que os mesmos percebam a importância de valorizar o espaço em que vivem”. (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

No que se refere ao entendimento sobre a preocupação de se construir uma proposta de currículo voltada para a realidade do anexo no PPP, o professor Pedro traz que existe um empenho nesse sentido já que “Essa preocupação existe justamente por entender a realidade local e atender suas necessidades com um programa pedagógico ideal”. (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

Quando as entrevistas enveredam para a percepção da reflexão a cerca da realidade rural dos educandos, no intuito de compreender o esforço dos professores em trabalhar a identidade e o sentimento de pertencimento, o professor Pedro traz que:

Compartilho do esforço que meus alunos têm, mesmo diante da escassez e precariedade, ou de sua condição social. É nítido no perfil do alunado da zona rural uma maior consistência nos valores repassados de suas famílias, ajudando no seu desempenho escolar e progressão em sua formação intelectual (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

Nesse mesmo tópico, o professor Matheus expõe a tentativa de fazer um elo entre as próprias vivências e a prática docente. Isso fica muito claro quando ele diz que:

Sempre que possível tento tratar com meus alunos do anexo em Carnaíba minhas vivências como um também ex-morador da zona rural. As dificuldades do passado e do tempo presente. Questões de convivência com o semi-árido e as formas de melhorias de vida,

passando por questões de higiene pessoal, uso de produtos/defensivos agrícolas, automedicação, gravidez na adolescência, agricultura familiar, organização e administração rural, valorização e politização do homem do campo, dentre outros (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

Quando perguntado sobre o fato dos livros didáticos adotados trabalharem temas relacionados à caatinga enquanto um ecossistema, o professor Matheus traz que, em seu componente “Há um capítulo específico no livro de Biologia para a terceira série que contempla os biomas brasileiros, dentre eles a caatinga”.

Em especial, se destaca a narrativa da professora Talita que leciona Geografia e História e que reside em Carnaíba do Sertão. Essa professora traz no seu histórico o fato de ter sido aluna do CODEFAS. Ela dialoga com a escola como um todo e traz no seu relato coisas muito interessantes que são confirmadas nas entrevistas prévias dos estudantes.

No que se refere o entendimento sobre a necessidade de contextualizar temas relativos a caatinga nos seus componentes curriculares, a professora descreve seu processo, onde:

Nas aulas de Geografia, em vários conteúdos como: Região Nordeste, biomas, questões agrárias, climas. De um modo geral, trabalhamos buscando a contextualização com o meio onde estamos inseridos mesmo que não seja esse o foco do conteúdo. Nas aulas de História, também fazemos algumas contextualizações, como por exemplo, ao tratar do povoamento do Brasil, das civilizações que se desenvolveram em ambientes com escassez de chuva e às margens dos rios como (Mesopotâmia, Egito), conflitos como o de Canudos durante a República Velha. Essas contextualizações se dão por meio das falas na aulas expositivas, músicas, poemas, exercícios elaborados em sala de forma sutil na maioria das vezes (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020).

No debate sobre a existência pontos de intersecção entre os livros didáticos e o ecossistema, a professora ressalta que:

Os livros didáticos, de um modo geral, não contemplam de forma satisfatória condições regionais, até porque são pensados a um nível mais geral. Os que trabalho, em particular, abordam muito pouco. No 2 ano, por exemplo, série em que se estuda o Brasil em Geografia, o tema região praticamente não é abordado, trabalhamos totalmente com outras fontes para abordar questões regionais, inclusive, Nordeste, Sertão, Caatinga. Essas abordagens ficam muito dependentes da fala

nas aulas expositivas, das pesquisas que passo, apresentações, músicas, filmes.

Por fim, no que se refere ao entender da professora sobre como o fazer pedagógico reage ao entendimento sobre a realidade rural dos estudantes, a narrativa da professora é muito esclarecedora quando diz que realiza uma prática voltada pra isso:

Principalmente por meio das aulas expositivas, gosto de abordar sobre os mais diversos temas trazendo ao máximo para o cotidiano dos discentes, porém acredito que tal abordagem deveria ser ainda mais incisiva por meio de outras atividades.No entanto, temos alguns entraves: a diversidade de atividades desenvolvidas por nossos alunos (apesar de ser um distrito, Carnaíba fica bem próximo a Juazeiro, entre os nossos discentes que trabalham parte deles atuam em atividades tipicamente urbanas tanto na sede do distrito como também na sede do município), há ainda,questões de identidade que não são claras, para mim, quanto ao sentimento de pertencimento entre os discentes, existe ainda um currículo que não é definido como os de escolas rurais, portanto temos um ensino regular como base, o que fazemos são algumas adaptações.Num mundo de rápidas transformações como o atual, há uma dificuldade de entendimento sobre o que é rural e o que é urbano, pelo menos para mim.

Por fim é importante ressaltar a fala do professor Francisco (ENTREVISTA CEDIDA EM 2020), que faz parte da gestão da unidade de Carnaíba do Sertão, quando esse fala que “os professores aplicam atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos e conscientizam cada um a valorizar o bioma/ecossistema da localidade que os residem”. Esse depoimento traz à luz o debate sobre a diversidade das práticas entre os professores.

Com o COVID-2019 e a pandemia de 2020, a análise do plano de curso foi suprimida. Nos pareceu incoerente analisar um plano para um ano letivo que ainda não tem seus caminhos definidos diante da extemporaneidade do momento. Mesmo já estando no ano civil de 2021 o ano letivo na rede estadual da Bahia continua 2020 e ainda sem definição de soluções para este ano letivo.

Cabe aqui falar o quanto a pandemia de 2020 impactou nos resultados do trabalho pois do dia para noite o mundo teve que aprender a reconfigurar as relações entre as pessoas e suas formas de convívio uns com os outros. O isolamento social imposto a nós nos primeiros meses da pandemia foi um evento traumatizante para todos, uma experiência nunca vivida

pela humanidade como um todo. Com o passar dos meses o isolamento se tornou distanciamento social pois aprendemos durante o processo a como nos proteger da contaminação e mitigar os riscos, mas os danos psicológicos certamente acompanharão nossa geração até o fim de nossas vidas.

Ao final dos estudos foi elaborado um vídeo, para ser divulgado na internet e exibido em escolas de educação do campo buscando assim que na elaboração dos seus PPPs sejam levados em consideração a dialogicidade, contrapondo a imposição de conteúdos aos camponeses, explicitando o caráter libertador da educação (FREIRE, 1983) através de uma identidade fortalecida, um sentimento de pertencimento e compromisso com a transformação necessária do território sem esquecer/abdicar dos conhecimentos prévios daquele povo proporcionando assim uma modernidade responsável e não um invasão cultural traumática e prejudicial.

Esse material também se propõe a pensar na questão da internet como direito do cidadão e facilitador do processo educacional, demanda trazida pelo afastamento social em virtude da pandemia do COVID-19 e fortalecido a partir da observação de como vem se revelando a realidade educacional nesse contexto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um processo de conclusão de dissertação na pandemia é absurdamente complexo. Em uma primeira análise foi possível pontuar pontos nevrálgicos da situação e que são extremamente relevantes de forma contida e reflexiva.

No que se refere ao ano letivo de 2019, em virtude das atividades de encerramento do ano letivo não foi possível a realização de um dos instrumentos de coleta, o grupo focal, que também aconteceria em sala reservada no próprio ambiente escolar, onde o foco seria os alunos que participaram da entrevista. Desta forma, eles poderiam expressar-se frente a frente, colocando livremente seus pontos de vista acerca do que lhes foi questionado na entrevista, caso queiram.

A necessidade de obter a aprovação do projeto no Conselho de Ética da Pesquisa fez com que o tempo hábil para a ida a campo tenha sido consideravelmente reduzida em virtude da demora da liberação da pesquisa, deixando um período letivo muito pequeno para ser analisado.

Os entendimentos sobre aquilo que a pesquisa apontou são mais enfáticas a respeito de uma política de estado da educação para o campo, seja qual for o componente curricular estudado, do que sobre a análise da prática pedagógica em determinada unidade, determinado tempo ou determinado componente curricular.

Do processo de análise dos documentos, extrai-se que o componente Arte ainda não recebe a devida atenção da rede estadual. Na prática, o mesmo acaba sendo utilizado como complementação de carga horária de professores que, por mais que manifestem o desejo de trabalhar o componente de forma dinâmica, esbarram no fato de não terem o conhecimento específico da área.

Nossa rede tem um número muito reduzido de professores habilitados para trabalhar Arte, nossas orientações curriculares trazem apenas leves pinceladas acerca de como trabalhar o componente e o PPP da escola precisa ser revisto com momentos específicos para que a comunidade seja ouvida.

Mesmo com um ensino fundamental com um enfoque maior na vida da comunidade, nossos alunos ainda apresentam certa dificuldade em identificar quais as manifestações artísticas e culturais próprias do seu território.

O desafio de estar envolvido num contexto diferente e que precisa dialogar com duas unidades distintas, a sede na área urbana e o anexo que, mesmo em meio a realidade rural, que é aqui enxergada como uma realidade híbrida, reafirma a reflexão, enquanto gestor, da necessidade de se entender o lugar de fala dos diferentes sujeitos do CODEFAS em toda a sua extensão e complexidade.

É uma configuração plena do que foi visto. É o respirar fundo e confiar.

Durante as entrevistas, por exemplo os alunos não sabiam elencá-las, somente após uma explicação sobre o que seriam manifestações culturais eles souberam de pronto responder. São manifestações geralmente ligadas a religiosidade, principalmente igreja católica como novenas, ternos de reis, são Gonçalo, Caruru e etc.

No entanto é necessário ressaltar como é salutar o acesso a diversificados métodos de acesso e o carinho em se abordar esse aluno.

Sobre a identidade caatigueira, os jovens entrevistados demonstraram sentirem-se pertencentes, mas numa visão muito literária de que o nordestino é antes de tudo um forte ou que são fortes como a própria vegetação e etc. Uma visão de vida sofrida ainda herdada do tempo dos currais e de quando a indústria da seca vendia a ideia da impossibilidade de um semiárido vivo. Em parte, isso tem relação com escola, uma vez que essa não trabalha as possibilidades de convivência e a perspectiva de desenvolvimento do território pelos seus e utilizando-se as suas potencialidades.

Os professores trazem muito forte a questão do aluno não querer ficar lá. Foi proposto pela pesquisa, em virtude do papel do autor como gestor da unidade que na jornada pedagógica a reformulação do PPP tivesse em um dos seus focos um olhar específico para o anexo através de uma educação mais contextualizada com o semiárido, mais próximo da educação do campo que é o que a SEC tenta implementar a um bom tempo mas que não tem conseguido ao menos no território do sertão do São Francisco.

No entanto é necessário compreender que esse ano letivo fugiu totalmente a realidade habitual do CODEFAS, o que trouxe grandes prejuízos para os estudantes, mas ajudou a repensar não apenas a educação para o campo, mas também a educação como um todo.

A pesquisa aponta um entendimento dos estudantes sobre as categorias, mesmo que essas não sejam plenamente elucidadas, mas aponta-se que existe um imenso hiato entre o que os teóricos entendem por educação para o campo, a real interpretação de como deveria ser

uma educação voltada para o campo pelos sujeitos de fala desse espaço e a proposta de educação para o campo que tem sido construída pelo estado da Bahia.

Essa proposta pra educação para o campo ainda é muito embrionária, o que é normal, mas que o processo da pandemia de 2020 faz com que seja urgente uma definição.

Que país queremos ser, que educação queremos ter?

A arte foi uma das áreas mais fortemente atingidas nesse processo. A lei Aldir Blanc ajudou a arte a ter o mínimo de sobrevivência remunerada, ao menos por um tempo.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir como ferramenta de avaliação do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão e das repercussões de suas práticas artísticas para a emancipação dos estudantes, fortalecendo sua identidade de jovem caatingueiro comprometido com o campo e suas demandas específicas, preparados e dispostos a colaborar na mudança do seu lugar, do seu chão, do seu território.

A partir daí elaborar materiais que possam fortalecer os PPP das escolas do campo para que os mesmos possam incorporar conteúdos e metodologias que fortaleçam a identidade do jovem caatingueiro. O vídeo apresentado como produto final deste trabalho é um exemplo de material que serve para dar um start nas discussões a respeito da importância da contextualização dos conteúdos e da interdisciplinaridade para construir sentidos e fortalecer as identidades dos educandos em especial dos alunos de escolas do/no campo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Izana Karine Freitas de. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira.** Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

ARANTES, Stella Aguilera. EJA: encontros com arte e cultura. IN: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação cultural: olhares interdisciplinares.** São Paulo: Uva Limão, 2017. 165 p.; il.;

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de formação de educadores(as) do campo.** *Cad. CEDES.* 2007, vol.27, n.72, pp.157-176.

BAHIA. Secretaria Estadual de Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio.** Empresa Gráfica da Bahia. Salvador, 2015.

_____: Secretaria Estadual de Educação. **Certificação de Gestor e Vice-gestor: Ajude a transformar a educação no estado da Bahia.** Empresa Gráfica da Bahia. Salvador, 2019.

_____: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998. 117-116 pg.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação como mediação cultural e social.** Ana Mae Barbosa e Regiane Galvão Coutinho (orgs). São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Gabrielle Nunes. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira.** Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa; BERNARDES, Juliana Ccorrea; VIEIRA, Silvia Cristina; LOURENZANI, Ana Elisa Bressan Smith. **Espaço rural e espaço urbano: pluralidade conceitual e as tecnologias de informação e comunicação.** In: RUA [online]. no. 23. Volume 1 - e-ISSN 2179-9911 - Junho/2017. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

BERTERO, José Flávio. **Uma crítica à sociologia rural de José de Souza Martins.** Lutas Sociais. São Paulo. PUC. 2007.

BONCI, Estela Maria Oliveira; MARTINS. Mirian Celeste. Disparadores de experiências estéticas com crianças de 9/10 anos: a exposição “Coleção, Ciência e Arte”. IN: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação cultural: olhares interdisciplinares.** São Paulo: Uva Limão, 2017. 165 p.; il.;

BORGES, Heloisa da Silva. **Educação no campo como processo de luta por uma sociedade justa.** In: GHEDIN, Evandro. Educação do campo: epistemologia e práticas. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. P. 77-116.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. 1996. São Paulo: Companhia das Letras, 432p.

_____. **O Camponês e seu Corpo**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006. Acesso em 15 de novembro de 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>

_____. **O poder simbólico**. 13a ed. - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. 322p.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso Mai 2006.

_____. **Resolução nº 02/2012 do CNE/CEB**, que Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 257- 264.

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidades: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, nº11, outubro, 1998, pp. 53-75.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: Novas territorialidades no semiárido Brasileiro**. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2012.

_____. **Natureza, Território e desenvolvimento no Semiárido**. In: REIS, Edmerson dos Santos (Org.) ; CARVALHO, Luzineide Dourado (Org.) ; NOBREGA, Maria Luciana Nóbrega. (Org.) . **Educação e Convivência com o Semiárido: Reflexão por dentro da UNEB**. 2. ed. Juazeiro: NEPEC-SAB, 2013. v. 01. 173p .

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: Provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

EVANGELISTA, Giovana. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

FERNANDES, Bernardo Maçano. **Políticas públicas e questão agrária: bases para o desenvolvimento territorial camponês**. In: FILHO, Eraldo da Silva Ramos; PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente; SANTOS, Josefa de Lisboa; CLEPS, Geisa Daise Gumiero; ANDRADE, Vanilza da Costa. Estado, Políticas Públicas e Território. 1 ed. São Paulo. Outras Expressões. 2015. P. 17- 37.

FREIRE, Paulo. ***Extensão ou comunicação?***. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93 p. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Extensao_ou_Comunicacao1.pdf.

_____. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

GARCIA, José Carlos. **Legitimidade da Luta pela terra**. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 458- 465.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JULIÃO, Francisco. **Carta de Alforria do Camponês** [1961]. In. STEDILE, João Pedro (org.). A Questão Agrária no Brasil: História e natureza das ligas camponesas 1954-1964. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 197-207

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo. Atlas, 2010.

MARQUES, Taciane Souza. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação cultural**: olhares interdisciplinares. São Paulo: Uva Limão, 2017. 165 p.; il.;

_____; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. (org). **Pensar juntos mediação cultural**: [entre]laçando conceitos e experiências. São Paulo: Terracota, 2014.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo:Atlas,2001.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MST. **Lutas e conquistas. Reforma Agrária: Por Justiça social e Soberania Popular**. 2ª ed. São Paulo: Janeiro 2010. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/62916503/MST-Lutas-eConquistas> Acesso em 08/11/1018.

NOGUEIRA, Ícaro Diógenes dos Santos. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática. 1989. 125 pg.
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte/ Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1997. 119 pg.

OLIVEIRA, Caio Flávio Alves. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

PAULINO, Eliane Tomiasi; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 112p.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Diretoria de Educação Escolar. Subsídios para a organização da prática pedagógica nas escolas: Arte-Educação – 2 ed. Recife: SECE, 1994 (Coleção Professor Carlos Maciel, 02) 83 pg.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. DSE/Departamento de Cultura. Arte-Educação: perspectivas – Recife: CEPE, 1988. 142 pg.

RAMME, Noeli. **É possível definir “arte”?** ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 13 nº 1, 2009, p. 197-212.

REIS, Edmerson dos Santos. **A contextualização dos conhecimentos e saberes escolares nos processos de reorientação curricular das escolas do campo**. UFBA. Salvador, 2009.

RODRIGUES, Maristela Sanches. Como nos aproximamos e compreendemos a arte, In: MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). **Pensar juntos mediação cultural: (entre)laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota, 2014, p.203-212.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Nivalter Aires dos. **Ligas Camponesas, esboço de análise de uma construção contra-hegemônica**. In: I Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci e VII Jornada Regional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia. UFC. Fortaleza-CE. 2016.

SOUZA, Ana dos Santos. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

SOUZA, Danielly Maria de Sena. **Entrevista concedida à Charles Jean da Silva Pereira**. Carnaíba do Sertão. Juazeiro. Bahia. Nov/2019.

APENDICES:

Apêndice A: Roteiro de entrevista semi estruturada – Estudantes

O processo de construção de novos conhecimentos está embasado nos conhecimentos já constituídos dialogando com os currículos escolares e imbuídos de intencionalidade.

As entrevistas são, nesse estudo, o espaço de ouvida dos indivíduos sobre esses processos.

- Boas vindas e apresentação do projeto;
- Apresentação da pesquisa, a instituição responsável, o uso não individualizado do material coletado (informar/perguntar sobre o sigilo);
- Preenchimento do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento e/ou entrega do Termo de Assentimento (caso seja menor de idade);
- Pedido de permissão para gravar e tomar notas.

Questões a serem levantadas:

1 – Perfil Socioeconômico.

2 – Perfil Acadêmico.

3 – Relação com as manifestações culturais do território.

4 – Relação com o componente curricular – artes.

5 – Conceito de caatingueiro e noção de identidade.

Apêndice B: Roteiro de entrevista semi estruturada – Professores, Gestores e Coordenação

O processo de construção de novos conhecimentos está embasado nos conhecimentos já constituídos dialogando com os currículos escolares e imbuídos de intencionalidade.

As entrevistas são, nesse estudo, o espaço de ouvida dos indivíduos sobre esses processos.

- Boas vindas e apresentação do projeto;
- Apresentação da pesquisa, a instituição responsável, o uso não individualizado do material coletado (informar/perguntar sobre o sigilo);
- Preenchimento do Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento e/ou entrega do Termo de Assentimento (caso seja menor de idade);
- Pedido de permissão para gravar e tomar notas.

Questões a serem levantadas:

1 – Perfil Socioeconômico.

2 – Perfil acadêmico e docente.

3 – Existem iniciativas voltadas para a contextualização dos conteúdos.

4 – Como funciona a construção do currículo e do PPP e como a realidade do anexo aparece.

ANEXOS

Anexo A – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO (menor de idade)

Título da Pesquisa: Entre o Moderno e a Tradição: Contribuição da Arte para a Formação da Identidade do Jovem Caatingueiro – Uma análise do Currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA.

CAAE N°:

Nome do(a) Pesquisador(a) responsável: **Charles Jean da Silva Pereira.**

Nome do Orientador: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior

Nome do Co-orientador: Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa para analisar as contribuições do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-Ba para a formação da identidade do jovem caatingueiro. Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada com uma entrevista para preencher um questionário, onde terá perguntas relativas ao currículo (formal e informal) do CODEFAS. A entrevista acontecerá com professores e alunos, em sala reservada, no próprio ambiente escolar, com a previsão de duração de 20 minutos. Também salientamos que esse procedimento será o único passível de gravações de áudio e vídeo, mas para que isso seja possível é preciso que o participante autorize, através deste termo, caso seja menor de 18 anos, acompanhado do TCLE dos pais ou responsáveis, e apenas TCLE, caso seja maior de 18 anos. Tal gravação será de extrema necessidade para que as imagens possam ser usadas no produto final desta pesquisa, que é o documentário. Além da entrevista, também será feito um grupo focal com todos os alunos participantes da pesquisa, onde poderão expressar-se frente a frente, colocando seus pontos de vista acerca do que lhes foi questionado na entrevista, caso queiram. É importante ressaltar que as respostas dadas na entrevista serão mantidas em sigilo, ou seja, o pesquisador não irá expor nenhum aluno no grupo focal, deixando-os livres para responder como queiram, seja essa resposta igual à que deu na entrevista semiestruturada ou não. Isso se torna de extrema importância para a pesquisa, pois assim será possível perceber o comportamento e as respostas dadas pelos participantes em um momento de grupo. Os

procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução Nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, além de prever riscos mínimo para seus participantes, pelo fato de o pesquisador ser constantemente presente e disponível para sanar as dúvidas. Contudo, pode ocorrer: 1. Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; 2. Cansaço ou aborrecimento ao responder entrevista; 3. Inconveniente de atrapalhar ou modificar o andamento das aulas, reuniões e eventos da escola assim como da comunidade com a presença de um pesquisador. Para controlar e minimizar esses riscos, a pesquisa prevê o momento de contextualização com os participantes, em que vocês poderão tirar quaisquer dúvidas sobre sua participação. Também é permitido desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo e/ou dano moral, ético e/ou financeiro. Em relação ao uso de sua imagem nas gravações, caso solicitado por você e/ou seus responsáveis, será colocado uma tarja preta no seu rosto no momento da edição do documentário, também poderá ser usado um desfoque na imagem para manter a sua identidade bem protegida, além de nomes fictícios na barra de informações do produto final. Além disso, para minimizar possíveis transtornos no cotidiano da escola e da comunidade, os pesquisadores farão encontros duas vezes por semana e em dias e horários diferentes, para que alunos e professores não fiquem prejudicados em sala de aula. Desta forma, não teremos constantes interrupções e os demais profissionais participantes da pesquisa não terão maiores problemas com o conduzir cotidiano da escola.

Este estudo lhe oferece o benefício de adquirir conhecimentos que contribua com uma melhor compreensão de como a escola pode ajudar na formação da identidade e do sentimento de pertencimento do jovem. Pensar uma educação que constitua a noção de pertencimento sem desconsiderar a evolução do conceito de ruralidade. Uma educação do campo que entenda esse novo campo e dialogue com essa juventude. Uma pedagogia que compreenda que a herança de conquistas do movimento de luta pela terra não seja fardo e sim receba a leitura de que a cada tempo um novo lugar de fala e novas bandeiras devem ser levantadas.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da

pesquisa. É compromisso do pesquisador propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário.

Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Os dados serão guardados pelos pesquisadores garantindo assim a confidencialidade. As entrevistas assim como as filmagens e gravações deverão acontecer em uma sala da própria escola onde estejam presentes apenas o participante e os pesquisadores. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(s) pesquisador(es). Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Para participar deste estudo, você será informado sobre qualquer aspecto que desejar e o responsável por você deverá autorizar assinando um termo. Caso seu responsável autorize a sua participação, mesmo assim, você poderá negar, estando livre para participar ou não. Você e/ou o seu responsável poderão deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum problema.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador responsável e a outra será entregue a você.

PERMISSÃO PARA USO DA IMAGEM NO DOCUMENTÁRIO

VOCÊ ACEITA QUE SUA IMAGEM SEJA REGISTRADA EM	VOCÊ ACEITA QUE SUA IMAGEM SEJA DIVULGADA?	COMO VOCÊ PREFERE QUE SEJA FEITA A DIVULGAÇÃO DE SUA IMAGEM?
------------------------------------------------------	---------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------

ÁUDIO E VÍDEO?		
<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> SIM	<input type="checkbox"/> NA ÍNTEGRA, SEM EDIÇÕES.
<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> COM EDIÇÃO, USANDO TARJA PRETA NO ROSTO E DESFOCANDO A IMAGEM.

Eu, _____, data de nascimento ____/____/____ declaro que concordo em participar desse estudo.

_____, ____ de _____ de 20____.

Nome do (a) PARTICIPANTE

Assinatura do(a) PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador responsável pelo assentimento

Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

Polegar Direito

Pesquisador Responsável: Charles Jean da Silva Pereira. Rua: Veneza, 383, Centro, Juazeiro-BA. Cjosp28@uol.com.br. Tel. 074 98805 3560

Demais pesquisadores da equipe de pesquisa: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior, Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar
Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Pais ou Responsáveis)

Título da Pesquisa: Entre o Moderno e a Tradição: Contribuição da Arte para a Formação da Identidade do Jovem Caatingueiro – Uma análise do Currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA.

CAAE N°:

Nome do(a) Pesquisador(a) responsável: **Charles Jean da Silva Pereira.**

Nome do Orientador: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior

Nome do Co-orientador: Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa para analisar as contribuições do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-Ba para a formação da identidade do jovem caatingueiro. Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada com uma entrevista para preencher um questionário, onde terá perguntas relativas ao currículo (formal e informal) do CODEFAS. A entrevista acontecerá com professores e alunos, em sala reservada, no próprio ambiente escolar, com a previsão de duração de 20 minutos. Também salientamos que esse procedimento será o único passível de gravações de áudio e vídeo, mas para que isso seja possível é preciso que o participante autorize, através deste termo, caso seja menor de 18 anos, acompanhado do TCLE dos pais ou responsáveis, e apenas TCLE, caso seja maior de 18 anos. Tal gravação será de extrema necessidade para que as imagens possam ser usadas no produto final desta pesquisa, que é o documentário. Além da entrevista, também será feito um grupo focal com todos os alunos participantes da pesquisa, onde poderão expressar-se frente a frente, colocando seus pontos de vista acerca do que lhes foi questionado na entrevista, caso queiram. É importante ressaltar que as respostas dadas na entrevista serão mantidas em sigilo, ou seja, o pesquisador não irá expor nenhum aluno no grupo focal, deixando-os livres para responder como queiram, seja essa resposta igual à que deu na entrevista semiestrutura ou não. Isso se torna de extrema importância para a pesquisa, pois assim será possível perceber o comportamento e as respostas dadas pelos participantes em um momento de grupo. Os

procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução Nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, além de prever riscos mínimo para seus participantes, pelo fato de o pesquisador ser constantemente presente e disponível para sanar as dúvidas. Contudo, pode ocorrer: 1. Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; 2. Cansaço ou aborrecimento ao responder entrevista; 3. Inconveniente de atrapalhar ou modificar o andamento das aulas, reuniões e eventos da escola assim como da comunidade com a presença de um pesquisador. Para controlar e minimizar esses riscos, a pesquisa prevê o momento de contextualização com os participantes, em que vocês poderão tirar quaisquer dúvidas sobre sua participação. Também é permitido desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo e/ou dano moral, ético e/ou financeiro. Em relação ao uso de sua imagem nas gravações, caso solicitado por você e/ou seus responsáveis, será colocado uma tarja preta no seu rosto no momento da edição do documentário, também poderá ser usado um desfoque na imagem para manter a sua identidade bem protegida, além de nomes fictícios na barra de informações do produto final. Além disso, para minimizar possíveis transtornos no cotidiano da escola e da comunidade, os pesquisadores farão encontros duas vezes por semana e em dias e horários diferentes, para que alunos e professores não fiquem prejudicados em sala de aula. Desta forma, não teremos constantes interrupções e os demais profissionais participantes da pesquisa não terão maiores problemas com o conduzir cotidiano da escola.

Este estudo lhe oferece o benefício de adquirir conhecimentos que contribua com uma melhor compreensão de como a escola pode ajudar na formação da identidade e do sentimento de pertencimento do jovem. Pensar uma educação que constitua a noção de pertencimento sem desconsiderar a evolução do conceito de ruralidade. Uma educação do campo que entenda esse novo campo e dialogue com essa juventude. Uma pedagogia que compreenda que a herança de conquistas do movimento de luta pela terra não seja fardo e sim receba a leitura de que a cada tempo um novo lugar de fala e novas bandeiras devem ser levantadas.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da

pesquisa. É compromisso do pesquisador propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário.

Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Os dados serão guardados pelos pesquisadores garantindo assim a confidencialidade. As entrevistas assim como as filmagens e gravações deverão acontecer em uma sala da própria escola onde estejam presentes apenas o participante e os pesquisadores. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(s) pesquisador(es). Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Para participar deste estudo, você será informado sobre qualquer aspecto que desejar e o responsável por você deverá autorizar assinando um termo. Caso seu responsável autorize a sua participação, mesmo assim, você poderá negar, estando livre para participar ou não. Você e/ou o seu responsável poderão deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum problema.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador responsável e a outra será entregue a você.

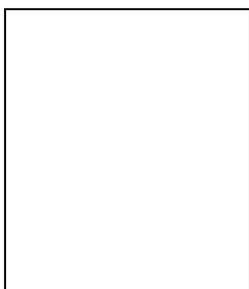
PERMISSÃO PARA USO DA IMAGEM NO DOCUMENTÁRIO

VOCÊ ACEITA QUE A IMAGEM DE SEU FILHO SEJA	VOCÊ ACEITA QUE A IMAGEM DE SEU FILHO SEJA	COMO VOCÊ PREFERE QUE SEJA FEITA A DIVULGAÇÃO DA IMAGEM DE SEU FILHO?
---------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------

REGISTRADA EM ÁUDIO E VÍDEO?	DIVULGADA?	
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> NA ÍNTEGRA, SEM EDIÇÕES. <input type="checkbox"/> COM EDIÇÃO, USANDO TARJA PRETA NO ROSTO E DESFOCANDO A IMAGEM.

Eu, _____, data de nascimento ____/____/____ declaro que concordo em participar desse estudo.

_____, ____ de _____ de 20____.



Polegar Direito

Nome do (a) PARTICIPANTE

Assinatura do(a) PARTICIPANTE

Nome do representante legal

Assinatura do representante legal

Nome do Pesquisador responsável pelo assentimento

Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

Pesquisador Responsável: Charles Jean da Silva Pereira. Rua: Veneza, 383, Centro, Juazeiro-BA. Cjps28@uol.com.br. Tel. 074 98805 3560

Demais pesquisadores da equipe de pesquisa: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior, Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar
Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Profissionais da escola)

Título da Pesquisa: **Entre o Moderno e a Tradição: Contribuição da Arte para a Formação da Identidade do Jovem Caatingueiro – Uma análise do Currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-BA.**

CAAE Nº:

Nome do(a) Pesquisador(a) responsável: **Charles Jean da Silva Pereira.**

Nome do Orientador: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior

Nome do Co-orientador: Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa para analisar as contribuições do currículo do CODEFAS em Carnaíba do Sertão/Juazeiro-Ba para a formação da identidade do jovem caatingueiro. Sua participação é importante, porém, você não deve aceitar participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento antes de concordar.

Envolvimento na pesquisa: A pesquisa será realizada com uma entrevista para preencher um questionário, onde terá perguntas relativas ao currículo (formal e informal) do CODEFAS. A entrevista acontecerá com professores e alunos, em sala reservada, no próprio ambiente escolar, com a previsão de duração de 20 minutos, e em horário de aula, justificando que isso ocorrerá pelo motivo de muitos alunos não morarem na sede do distrito e dependerem de transporte escolar para se deslocarem de casa para a escola. Também salientamos que esse procedimento será o único passível de gravações de áudio e vídeo, mas para que isso seja possível é preciso que o participante autorize sua gravação através deste termo. Tal gravação será de extrema necessidade para que as imagens possam ser usadas no produto final desta pesquisa, que é o documentário. Nesse procedimento, teremos questões abertas que estimulem o entrevistado (professor ou aluno) a falar sobre suas impressões das atividades de arte, a

importância disso para sua formação, a importância da arte para compreensão de seu local social, a importância da arte como forma de expressar-se. Também será possível perceber, através das entrevistas, como o jovem do distrito de Carnaíba do Sertão se identifica enquanto jovem caatingueiro, camponês do semiárido nordestino. Ressaltamos ainda, que as respostas dadas pelos participantes na entrevista serão mantidas em sigilo e só serão usadas no documentário, caso o participante também autorize através dos termos acima citados. Para minimizar o uso das imagens no documentário algumas medidas serão tomadas, como por exemplo: colocar tarjas pretas e desfocar o rosto dos entrevistados, e colocar nomes fictícios na barra de informações. Também usaremos as oitivas individuais e de grupo com os professores, a coordenação e a direção. As oitivas serão conversas e observação com e dos profissionais citados, e acontecerão em momentos vagos do dia, como por exemplo, antes e no final das aulas, em intervalos de uma aula para outra, em momentos de conversas informais na sala dos professores etc. Também, para esse procedimento, será utilizado este termo para confirmação da participação dos profissionais citados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução Nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, além de prever riscos mínimo para seus participantes, pelo fato de o pesquisador ser constantemente presente e disponível para sanar as dúvidas. Contudo, pode ocorrer: 1. Desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; 2. Cansaço ou aborrecimento ao responder entrevista; 3. Inconveniente de atrapalhar ou modificar o andamento das aulas, reuniões e eventos da escola assim como da comunidade com a presença de um pesquisador. Para controlar e minimizar esses riscos, a pesquisa prevê o momento de contextualização com os participantes, em que vocês poderão tirar quaisquer dúvidas sobre sua participação. Também é permitido desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo e/ou dano moral, ético e/ou financeiro. Além disso, para minimizar possíveis transtornos no cotidiano da escola e da comunidade, os pesquisadores farão encontros duas vezes por semana e em dias e horários diferentes, para que alunos e professores não fiquem prejudicados em sala de aula. Desta forma, não teremos constantes interrupções e os demais profissionais participantes da pesquisa não terão maiores problemas com o conduzir cotidiano da escola.

Este estudo lhe oferece o benefício de adquirir conhecimentos que contribua com uma melhor compreensão de como a escola pode ajudar na formação da identidade e do sentimento de pertencimento do jovem. Pensar uma educação que constitua a noção de pertencimento sem desconsiderar a evolução do conceito de ruralidade. Uma educação do campo que entenda esse novo campo e dialogue com essa juventude. Uma pedagogia que compreenda que a herança de conquistas do movimento de luta pela terra não seja fardo e sim receba a leitura de que a cada tempo um novo lugar de fala e novas bandeiras devem ser levantadas.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. É compromisso do pesquisador propiciar assistência a eventuais danos materiais e imateriais, decorrentes da participação na pesquisa, conforme o caso sempre e enquanto necessário.

Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. Os dados serão guardados pelos pesquisadores garantindo assim a confidencialidade. As entrevistas assim como as filmagens e gravações deverão acontecer em uma sala da própria escola onde estejam presentes apenas o participante e os pesquisadores. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Este documento foi elaborado em duas vias de igual teor, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas uma das quais ficará com o(a) senhor(a) e a outra com o(s) pesquisador(es). Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Para participar deste estudo, você será informado sobre qualquer aspecto que desejar e o responsável por você deverá autorizar assinando um termo. Caso seu responsável autorize a sua participação, mesmo assim, você poderá negar, estando livre para participar ou não. Você

e/ou o seu responsável poderão deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum problema.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador responsável e a outra será entregue a você.

PERMISSÃO PARA USO DA IMAGEM NO DOCUMENTÁRIO

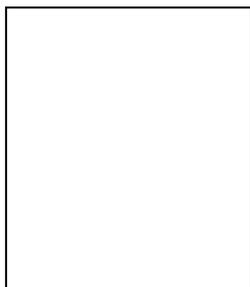
PROFESSOR, VOCÊ ACEITA QUE A SUA IMAGEM SEJA REGISTRADA EM ÁUDIO E VÍDEO?	PROFESSOR, VOCÊ ACEITA QUE A SUA IMAGEM SEJA DIVULGADA?	PROFESSOR, COMO VOCÊ PREFERE QUE SEJA FEITA A DIVULGAÇÃO DA SUA IMAGEM?
<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> NA ÍNTEGRA, SEM EDIÇÕES. <input type="checkbox"/> COM EDIÇÃO, USANDO TARJA PRETA NO ROSTO E DESFOCANDO A IMAGEM.

PERMISSÃO PARA USO DAS INFORMAÇÕES NA PESQUISA

VOCÊ É:	VOCÊ ACEITA PARTICIPAR DAS OITIVAS INDIVIDUAIS E DE GRUPO?	VOCÊ AUTORIZA O USO E DIVULGAÇÃO DAS INFORMAÇÕES FORNECIDAS NAS OITIVAS?
<input type="checkbox"/> PROFESSOR <input type="checkbox"/> COORDENAÇÃO <input type="checkbox"/> DIREÇÃO	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO

Eu, _____, data de nascimento
____/____/____ declaro que concordo em participar desse estudo.

_____, ____ de _____ de 20____.



Nome do (a) PARTICIPANTE

Assinatura do(a) PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador responsável pelo assentimento

Polegar Direito

Assinatura do Pesquisador responsável pelo assentimento

Pesquisador Responsável: Charles Jean da Silva Pereira. Rua: Veneza, 383, Centro, Juazeiro-BA. Cjzp28@uol.com.br. Tel. 074 98805 3560

Demais pesquisadores da equipe de pesquisa: Professor Dr. João Alves do Nascimento Júnior, Professor Dr. Fúlvio Torres Flores

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP - UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF

Av. José de Sá Maniçoba, S/N – Centro - Petrolina/PE – Prédio da Reitoria – 2º andar
Telefone do Comitê: 87 2101-6896 - E-mail: cep@univasf.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNIVASF) é um órgão colegiado interdisciplinar e independente, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que visa defender e proteger o bem-estar dos indivíduos que participam de pesquisas científicas.

Anexo B – Eixos, competências e habilidades do componente arte nas OCEM's da Bahia

EIXO 1				
LETRAMENTO E FORMAÇÃO CIDADÃ				
COMPETÊNCIAS		1ª	2ª	3ª
Compreender a Arte, em suas linguagens (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, entre outras), como possibilidade crítico-reflexiva de leitura de mundo e emancipação social, (re)conhecendo-se como sujeito proativo no exercício pleno da cidadania, em diferentes contextos socioculturais		TS/C	—	—
H	Experienciar as diferentes linguagens artísticas. Identificar as especificidades e os modos de organização de cada linguagem da arte. Interpretar a arte como conhecimento de mundo e espaço de comunicações. Construir configurações artísticas relacionadas diretamente com questões sociopolíticas do seu entorno. Ler processos e configurações artísticas de modo crítico-analítico, percebendo seus saberes estéticos e culturais.			
A				
B				
I				
L				
I				
D				
A				
D				
E				
S				

EIXO 2				
INTERAÇÕES E DIVERSIDADES				
COMPETÊNCIAS		1ª	2ª	3ª
(RE)conhecer a diversidade de sujeitos e de contextos presentes no espaço (extra)escolar e as relações que estabelecem com as múltiplas formas de organização da Arte		TS/C	—	—
H	Identificar os sujeitos do processo artístico-pedagógico em suas diversidades, percebendo-as, inclusive, como potencialidades para a criação de um produto artístico. Apreciar, na fruição artística, diferentes produções e produtores, extrapolando a ideia do “belo” e do “feio”. Identificar, na diversidade dos modos de fazer Arte, possibilidades de construção de identidades e reconhecimento das alteridades. Distinguir aspectos da historicidade da Arte, nas diversas culturas, focalizando nos períodos artísticos, nas relações entre o popular e o erudito e nas produções artísticas que se apresentam na contemporaneidade. Expressar-se eticamente nos processos colaborativos do fazer arte, respeitando o outro em suas diferenças, limites e possibilidades.			
A				
B				
I				
L				
I				
D				
A				
D				
E				
S				

EIXO 3			
SOCIEDADE E MUNDO GLOBALIZADO			
COMPETÊNCIAS	1ª	2ª	3ª
Perceber as linguagens artísticas como parte constituinte de uma sociedade globalizada, entendendo os seus processos de criação como manifestação sociocultural e histórica que articula contextos locais ao global	TS /C	—	—
H	<p>Contextualizar diferentes configurações artísticas, em sua diversidade de linguagens, estabelecendo relações entre a Arte, a História, a Sociedade Contemporânea e seus pressupostos ideológicos e outros conhecimentos afins.</p> <p>Analisar/comparar produções artísticas contemporâneas, identificando o conjunto de relações estabelecidas entre os saberes locais e globais condensados nas obras.</p> <p>Propor processos de criação artística, partindo de questões da contemporaneidade, focalizando, principalmente, as relações cotidianas da escola, as experiências extraescolares e os aspectos interculturais.</p>		
A			
B			
I			
L			
I			
D			
A			
D			
E			
S			

EIXO 4			
PESQUISA, TECNOLOGIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA			
COMPETÊNCIAS	1ª	2ª	3ª
Compreender a importância da pesquisa científica e do uso das tecnologias para o acesso e a produção de conhecimento em Arte, com vistas à formação integral dos estudantes	I/TS	—	—
H	<p>Interpretar o conceito de pesquisa de modo amplo, percebendo que um fazer artístico pode vir a ser um fazer científico.</p> <p>Reconhecer pesquisas e pesquisadores em arte no cenário brasileiro, analisando as relações inter/intra arte, propostas em seus investimentos científicos/artísticos.</p> <p>Experimentar processos de iniciação à pesquisa em Arte, mobilizando saberes, delimitando a situação-problema e suas questões, os objetivos, as possibilidades metodológicas, entre outros elementos correlatos à pesquisa.</p> <p>Identificar as linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro, entre outras) como área de conhecimento presente nas universidades brasileiras, entendendo-a, inclusive, como uma possibilidade profissional.</p>		
A			
B			
I			
L			
I			
D			
A			
D			
E			
S			

Anexo C – Fotos



Parte externa da Escola Municipal Professora Graciosa Ramos Gomes Xavier

Fonte: Acervo pessoal do CODEFAS



Parte interna da Escola Municipal Professora Graciosa Ramos Gomes Xavier

Fonte: Acervo pessoal do CODEFAS

